

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Medicina
Programa de Pós-graduação Promoção de Saúde e Prevenção da Violência

Viviane Ribeiro Cunha

O QUE APRENDEMOS COM OS ADOLESCENTES TRANS

Belo Horizonte

2025

Viviane Ribeiro Cunha

O QUE APRENDEMOS COM OS ADOLESCENTES TRANS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência.

Linha de Pesquisa: As múltiplas faces da violência e seu impacto para a saúde das pessoas e populações.

Orientadora: Dra. Cristiane de Freitas Cunha Grillo

Belo Horizonte

2025

Cunha, Viviane Ribeiro.
C972a O que aprendemos com os adolescentes trans [recurso eletrônico]. /
Viviane Ribeiro Cunha. -- Belo Horizonte: 2026.
61f.: il.
Formato: PDF.
Requisitos do Sistema: Adobe Digital Editions.

Orientador (a): Cristiane de Freitas Cunha Grillo.
Área de concentração: Promoção de Saúde e Prevenção da Violência.
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Medicina.

1. Pessoas Transgênero. 2. Adolescente. 3. Teoria Lacaniana. 4.
Identidade de Gênero. 5. Discurso. 6. Dissertação Acadêmica. I. Grillo,
Cristiane de Freitas Cunha. II. Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Medicina. III. Título.

NLM: WA 300

Bibliotecário responsável: Fabian Rodrigo dos Santos CRB-6/2697



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA - CENTRO DE PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Às quinze horas do dia onze de dezembro de dois mil e vinte cinco, de forma remota, realizou-se a sessão pública para a defesa de dissertação de **VIVIANE RIBEIRO CUNHA**, número de registro **2024660457**, graduada no curso de CIÊNCIAS SOCIAIS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em **PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA**. A Presidência da sessão coube a Prof.^a Cristiane de Freitas Cunha Grillo - Orientadora (UFMG). Inicialmente a Presidente após dar conhecimento aos presentes sobre o teor das Normas Regulamentares do trabalho final de Pós-Graduação, fez a apresentação da Comissão Examinadora constituída pelos Professores: Prof. Fabian Dario Fajnwaks (Université Paris VIII), Prof.^a Andréa Chicri Torga Matiassi (PITAGORAS) - TITULARES e Prof.^a Adalgisa Peixoto Ribeiro (UFMG)- SUPLENTE. Em seguida a Presidente autorizou a aluna a iniciar a apresentação de seu trabalho final intitulado: "**O QUE APRENDEMOS COM OS ADOLESCENTES TRANS**". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença da candidata e do público e decidiu considerar a defesa de dissertação **APROVADA**. O resultado final foi comunicado publicamente a aluna pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, após lida, será assinada eletronicamente por todos os membros da Comissão Examinadora presente através do SEI (Sistema Eletrônico de Informações) do Governo Federal.

Belo Horizonte, 11 de dezembro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Fabian Dario Fajnwaks, Usuário Externo**, em 12/12/2025, às 08:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane de Freitas Cunha Grillo, Professora do Magistério Superior**, em 15/12/2025, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Chicri Torga Matiassi, Usuário Externo**, em 17/12/2025, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4762287** e o código CRC **9E5E5BCB**.

Para Vi, Hermes e Caetano ou Bethânia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, minha mãe, Elvira, meu pai, Francisco, minha irmã, Vi, meu marido, Hermes, meu enteado, Raul, por contribuírem, cada um à sua maneira, para que eu chegue nesse trabalho final, tão caro para mim.

À toda minha família, agradeço o amor que trocamos. À minha mãe agradeço também a insistência pela vida, sua presença e cuidado; à minha irmã a inspiração e presença de sempre; ao meu pai, a segurança e o aprendizado de fazer dar um jeito de ser bom; ao meu marido a parceria, o cuidado, a presença e o lugar para chamar de meu. Ao meu enteado, a leveza e alegria; à tia Gilma, o espaço seguro; e ao Júnior, o apoio carinhoso. Ao meu sogro, o acolhimento e carinho; à minha sogra a alegria e casa aberta; à Lela e Kelly os momentos de alegria e aconchego, ao meu cunhado, Hernane, a parceria e cuidado. À minha cunhada, Bárbara, a parceria e amor dedicado à minha irmã.

Agradeço à Marcela Normand pelos anos de escuta fina e presença decidida.

Às amigas, sempre presentes, em uma rede firme, amorosa, segura e alegre: Fernanda Prates, Evelyn Lobão, Caroline Ferreira, Mercedes Soares, Raquel Guimarães e Cristiane Zeferino. Muito obrigada, vocês são essenciais!

À minha orientadora, Cristiane Grillo, por aceitar orientar esse trabalho de maneira tão presente, cuidadosa e viva!

A todos aqueles que passaram por minha vida, deixando algo de si para que eu seguisse adiante.

Ao Programa de pós-graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, por possibilitar a realização deste trabalho.

A todos aqueles que, seja por meio de aulas, livros, seminários, cartéis ou supervisão, me transmitem algo da psicanálise lacaniana.

*“Eu faço figa pra essa vida tão sofrida
Terminar bem sucedida
Luz do sol é minha amiga
Luz da lua, minha instiga
Me diga você, me diga
O que é que sara a tua ferida
Me diga você, me diga”*

Lucro - Baiana System

RESUMO

Esta dissertação investiga a clínica psicanalítica contemporânea com adolescentes trans, analisando a adolescência nos tempos atuais, os efeitos dos discursos e das relações familiares na constituição subjetiva. A partir de cinco casos — Li, Ana Rosa, Maria Laura, Ana e Sofia — são explorados diferentes percursos de invenção subjetiva, que evidenciam a importância de um espaço de elaboração em que o adolescente possa, a partir de um itinerário de palavras, se haver com sua história, seus traços, seu gozo e seu desejo. O trabalho articula conceitos lacanianos, como teoria dos discursos, estádio do espelho e tábua da sexuação, com leituras contemporâneas sobre transgeneridade. Destaca-se a centralidade do objeto *a* e do gozo feminino como dimensões que escapam às normativas fálicas, bem como a necessidade de cada falasser inventar um modo de fazer com seu próprio gozo. Por meio da análise dos percursos clínicos, observa-se que a transição de gênero é uma experiência que mobiliza a invenção subjetiva, ocasionando uma amarração entre os registros imaginário, simbólico e real. O estudo evidencia que a função do analista é sustentar um lugar que possibilite a emergência do sujeito e do desejo, para que o adolescente trans construa seu percurso, respeitando seu tempo e singularidade, possibilitando, assim, uma invenção singular.

Palavras-chave: adolescência; transgeneridade; psicanálise lacaniana; sexuação; objeto *a*; gozo.

ABSTRACT

This dissertation investigates contemporary psychoanalytic practice with transgender adolescents, analyzing adolescence in the present day and the effects of discourse and family relationships on subjective constitution. Based on five cases studies - Li, Ana Rosa, Maria Laura, Ana, and Sofia - different paths of subjective invention are explored, highlighting the importance of a space for elaboration in which adolescents can, through a journey of words, come to terms with their history, their traits, their enjoyment, and their desire. The work articulates Lacanian concepts, such as discourse theory, the mirror stage, and the sexuation table, with contemporary readings on transgender. It highlights the centrality of the object *a* and female jouissance as dimensions that escape phallic norms, as well as the need for each speaker to invent a way of dealing with their own jouissance. Through the analysis of clinical pathways, it is observed that gender transition is an experience that mobilizes subjective invention, causing a connection between the imaginary, symbolic, and real registers. The study shows that the analyst's role is to sustain a place that allows the subject and desire to emerge, so that the trans adolescent can construct their own path, respecting their time and uniqueness, thus enabling a singular invention.

Keywords: adolescence; transgender; lacanian psychoanalysis; sexuation; object *a*; jouissance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Matemas dos Discursos de Lacan.....	26
Figura 2 - Estrutura do matema dos Discursos de Lacan	26
Figura 3 - Matema do Discurso Capitalista	28
Figura 4 - O experimento do buquê invertido.....	42
Figura 5 - Esquema de dois espelhos	42
Figura 6 - Tábua da sexuação.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ADOLESCÊNCIA, UMA DELICADA TRANSIÇÃO.....	13
3	O ADOLESCENTE E SEUS DIVERSOS ESPECIALISTAS.....	22
4	ADOLESCÊNCIA TRANS E FAMÍLIA	39
5	TUDO GIRA EM TORNO DA TRANSIÇÃO AOS EVENTOS SATÉLITES	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

O tema da transgeneridade esteve presente, com maior ou menor intensidade, muito cedo em minha vivência. O famoso “isso é coisa de menina” ou “isso é coisa de menino” foi uma fala que percorreu os cômodos e corredores de casa sinalizando a impossibilidade da divergência à regra, mesmo que a divergência se impusesse, por vezes, no cotidiano familiar. Os preconceitos relativos aos desvios das normas hetero de gênero, sempre foram muito maciços na minha vivência comunitária. Puta, dada, bichinha, gay, viado, eram termos disparados ofensivamente, por muitos, contra aqueles que ousavam contrariar as normas hetero.

Na adolescência, minha irmã iniciou suas descobertas a respeito de sua transição, que vem acontecendo de maneira processual até os dias de hoje e com maior intensidade nos últimos anos. Acompanhá-la nessa transição da melhor maneira possível, mas, principalmente, buscar não atrapalhar o processo – por excesso de zelo, desconhecimento, ou apego aos meus ideais – foi o que me levou a estudar esse tema e estar mais atenta às minhas questões. Para mim, tem sido uma feliz escolha.

Tendo em vista esse breve relato do que me toca nessa temática, o presente trabalho foi tomando forma a partir de pontos de interesse que me capturaram durante a escuta dos casos clínicos de adolescentes trans atendidos no “Programa de Extensão Janela da Escuta”¹ e durante as aulas do Curso de Formação em Psicanálise do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. A partir das leituras teóricas preparatórias indicadas para elaboração da dissertação e das aulas no Curso de Formação citado, muitas dessas questões que surgiram durante a escuta dos casos puderam ir se depurando e encontrando ancoragem na teoria psicanalítica lacaniana. O resultado é um trabalho dividido em quatro seções: adolescências trans, psicanálise na contemporaneidade, questões concernentes à família hoje e o feminino em Lacan.

¹ O Janela da Escuta é um Programa de Extensão e Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFMG, em parceria com a Escola Guignard – UEMG e com o Instituto Undió. Trata-se de um trabalho clínico interdisciplinar orientado pela psicanálise, no qual o adolescente é considerado o especialista de si. Com 20 anos de trabalho, o Programa de Extensão e Pesquisa Janela da Escuta é constituído por quatro Projetos de Extensão: Arte na Espera; Arte e Palavra; Adolescente e Saber e Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida.

Na primeira seção, busco discutir a adolescência como travessia e um dos sintomas da puberdade, abordo o mal-estar familiar e social muitas vezes causados pelos saberes em (des)construção nesse momento e a importância da família nesse processo. O mal-estar da adolescência apresenta-se como um mal-estar intimamente relacionado a não existência da relação sexual e a necessidade de se criar formas de se manejar com os impasses, limites e desencontros. A questão trans pode se colocar ou não nesse momento. Caso se coloque, o que tem sido cada vez mais recorrente, a adolescência pode se apresentar como uma dupla transição, com as quais o adolescente terá que inventar uma forma de fazer.

Na segunda seção, a partir da teoria dos discursos de Lacan, abordo o discurso capitalista e a tecnociência como fatores que se impõem na contemporaneidade de maneira a explorar o gozo dos falasseres. Apresento também os efeitos na cultura da evaporação do Nome-do-Pai e da feminização do mundo: os ideais que orientavam e davam borda ao gozo são substituídos por *gadgets*, medicamentos, procedimentos médicos, por vezes necessários, mas, na maioria das vezes, acabam por tamponar completamente os sujeitos e a possibilidade de construção de sua verdade. Ao longo da seção, discuto a relação desses temas com a questão trans.

Na terceira seção deste trabalho, abordo as questões concernentes às famílias a partir do estádio do espelho e do texto “Notas sobre a criança”² (Lacan, 2003), buscando compreender como os sujeitos precisam se haver com as inscrições que ficam desse processo de constituição subjetiva e como essas relações atravessam a questão trans. A constituição do corpo como unidade é um processo a partir do qual o sujeito foi marcado, é preciso que o ele veja e elabore esse processo, para que possa fazer algo possível com isso.

Por fim, faço uma discussão acerca da sexuação, como pensada pela psicanálise, e do objeto *a*, a partir de Bassols (2021), que o apresenta como um objeto trans, por definição: translinguístico, transgênero, transidentitário, trãnsfuga do sentido, sendo com ele que o sujeito estabelece sua relação essencial, marcada pela sua singularidade. É interessante que o adolescente possa se implicar em um itinerário de palavras, dentro do tempo lógico de ver, perlaborar e concluir, para que seja possível atravessar o mal-estar de sua adolescência e inventar um modo de fazer com objeto *a* e com o singular do seu gozo.

² Texto originalmente publicado em 1969.

Todas as seções contam, de início, com casos clínicos que orientam a parte teórica desta dissertação. O primeiro caso apresentado é o da adolescente Li, publicado no livro “A solução trans” (2024). Todos os demais casos foram atendidos no “Programa de Extensão Janela da Escuta”, discutidos e estudados no “Corpos Lacanianos”, grupo de estudo que teve origem a partir do primeiro caso de adolescente trans atendida no “Janela da Escuta”. Neste grupo de investigação, estudamos textos psicanalíticos de orientação lacaniana e autores de outros campos, como sociologia e direito; também trabalhamos casos clínicos contando com a interlocução do Professor Fabián Fajnwaks, da Universidade de Paris VIII. Os casos da Ana Rosa, Maria Laura, Ana e Sofia³, presentes ao longo deste texto, foram discutidos no Corpos Lacanianos e, se logo de início, alguns aspectos desses casos chamaram minha atenção, o estudo teórico da questão trans pôde enriquecer ainda mais minha escuta deles, o que motiva a escolha deles para este trabalho.

Com isso, almejo que possamos finalizar a leitura desta dissertação podendo responder, em alguma medida, à pergunta que norteia o trabalho: **o que esses aspectos da clínica com adolescentes trans nos ensinam?** Desta maneira, busco estar mais advertida para a escuta de sujeitos trans em minha clínica.

³ Os nomes dessas adolescentes são fictícios, buscando preservar suas identidades.

2 ADOLESCÊNCIA, UMA DELICADA TRANSIÇÃO

O caso de Elisa, uma adolescente que demandou aos pais sua transição de gênero, é apresentado no livro “A solução trans”, de 2024. Neste livro, organizado por Jacques Alain Miller, seis casos de pacientes trans são apresentados pelos seus analistas e, em seguida, uma conversa clínica é realizada. Nathalie Crame apresenta o quarto caso relatado no livro, “Ela faz questão do L”. Sua paciente, Elisa, chegou ao seu consultório após escrever uma carta aos pais dizendo da sua transição de gênero.

Inicialmente, os pais de Elisa a levaram, sem consultá-la, a uma associação de defesa dos direitos das pessoas transgênero, na qual ela se consultou com um psicólogo transgênero. A mãe de Elisa ficou ainda mais angustiada após as primeiras sessões, pois o psicólogo se dirigiu unicamente a Elisa e, a partir do segundo encontro, já tentou planejar com a paciente sua transição, indicando possibilidades médicas para que, por meio dos medicamentos, Elisa pudesse interromper o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, vivenciados por ela como perturbadores e repugnantes. Assim, a mãe de Elisa opta por um psicólogo denominado por ela de “neutro”. Elisa chega então ao consultório de Nathalie Crame. Ao conversar com os pais de Elisa, sua mãe relata que Elisa venda os seios e rejeita qualquer tentativa de diálogo. Já o pai de Elisa não se sente tocado pelo que a filha vivencia e mantém um sorriso irônico, banalizando a angústia de sua esposa – a tensão entre o casal é explícita.

Elisa tem 14 anos e diz estar em desacordo com a sua anatomia: sofre por não ter o corpo que quer e deseja mudar de nome. O seu corpo se tornou ansiogênico para ela, reduz suas questões a uma questão relativa à sua imagem, mas não se refere a nenhuma estranheza ou peculiaridade na relação com seu corpo. Não suportando a falta de um significante que venha dizer sobre o seu ser, buscou na internet um significante prêt-à-porter para nomear seu mal-estar - disforia de gênero.

Ao se sentir convencida de que a analista não pretendia convencê-la a não mudar de sexo, aceita ser escutada, segundo ela, “sem os preconceitos binários dos heteronormativos”. A paciente pergunta o motivo de os pais quererem que ela veja um psicólogo, pergunta esta que a analista devolve para ela. Elisa se surpreende e diz que há muito tempo sente um mal-estar difuso. Os encontros continuarão por um ano e meio, momento no qual Elisa decide voltar quando for necessário.

Elisa tem horror aos mal-entendidos e aos vazios presentes nas conversas. Gostaria de ter um dicionário no qual encontraria a palavra justa, as respostas para suas questões informuláveis - não dando, assim, espaço para o vazio, condição para a emergência do seu desejo.

Localiza, no verão de seus treze anos, o início do mal-estar e da angústia - ela se sentia sozinha e isolava-se na internet, não gostava de nada. Foi assim que teve acesso a conteúdos referentes a gênero, sexualidade e minorias. Se pergunta então se o tempo que passou na internet teria sido para não enfrentar a difícil pergunta sobre o seu desejo e entra, assim, no discurso analítico.

A hostilidade na relação com a mãe se apresenta a partir de um sonho que se repete desde a infância no qual Elisa é atacada por um *pokemón* e a mãe assiste passivamente. Elisa acorda furiosa com a mãe. A relação de proximidade entre ambas entra em “rivolte”, um lapso que Elisa elabora, um misto de rival e revolta. Também aparece o significante frívolo, que ela rejeita. Elisa passa a não suportar a mãe e a magnitude desse sentimento é desconcertante para ela. Se sente devorada pelo olhar materno e asfixiada. Diz que com o pai e o irmão está tudo bem agora, como menina era que se sentia reprimida e agredida pelo humor sarcástico deles. O irmão era seu herói e gostava de fazê-lo rir imitando os jovens do subúrbio, mas ele não deixava passar o mínimo erro que Elisa cometesse. Além disso, lembra que ele provocava e se divertia com os seus medos infantis, o que fazia Elisa se sentir rebaixada.

Segue outro sonho: Elisa sonha com Jess, um jovem de uma série de televisão que é sedutor, sarcástico e diabólico. Ele faz um discurso apaixonado, mas terminam em um cabo de guerra, aparecem uns monstros que querem sua morte, ela tenta fugir. Elisa pensa que Jess se parece com ela quando mais nova e que a ironia do personagem é igual a de seu pai e seu irmão. Sua identificação ao pai e ao irmão vai sendo construída. Contudo, o registro da identificação não é suficiente para lidar com o sexual. Ela passa a sentir ódio e faz outro sonho, no qual o irmão quer matá-los. Mata sua mãe e o pai foge deixando Elisa com o assassino. Percebe que debaixo da ironia existem dois assassinos. Elisa confessa que, às vezes, pensa em matar a mãe, mostrando assim o destrutivo que existe na sua identificação viril.

Se arrepende de ter escrito a carta, o clima em casa fica muito ruim, busca recursos para lidar com o mal-estar, mas a identificação viril para fugir da devastação materna a levou longe demais, como provam os pesadelos. Os pais querem levá-la

na associação onde se encontraram com o primeiro psicólogo, para demonstrar sua abertura para a filha, mas ela não quer ir.

Elisa fala de sua relação com a mãe, que quer estar perto dela, mas sua proximidade lhe causa horror. A jovem acaba sendo agressiva com a mãe e se sente culpada. Muitas vezes se refere à mãe com o significante “pobre”. Percebe que sua agressividade com a mãe se intensifica depois do último *burnout* dela, que comia muito e falava pouco. Elisa se queixa da mãe pela impossibilidade de ela funcionar como suporte para o corpo de Elisa, visto que ela mesma renunciou à sua feminilidade e ao seu desejo. Ao significante “pobre”, usado para designar a mãe, segue-se o “triste”, e Elisa pode falar sobre a depressão materna, que não é falada e a devasta. O significante *burnout* encobre as possibilidades de elaboração acerca dessa depressão. Apesar das tentativas maternas de diálogo, principalmente depois da carta, Elisa não quer estar perto da mãe, sente-se angustiada perto dela. O mesmo se passa com a avó materna: a paciente, Elisa, diz que a avó se preocupa demais em satisfazer os seus desejos antes mesmo que ela possa elaborá-los. Considera uma vitória prazerosa sair para fazer compras com a avó e voltar sem nada. Opõe a voracidade da mãe e da avó com o nada. À impossibilidade de se incluir na linhagem das mulheres angustiadas de sua família, responde com o homem irônico, identificada ao pai e ao irmão.

Percebe que se preocupa demais com os problemas de suas amigas, prefere ouvi-las, com receio de que elas não a entendam bem. Conta que desde o segundo ano escolar não se sentia bem com seus colegas e ficou cada vez mais reservada, contudo, em sala sempre falava, gostava muito de responder às perguntas dos professores.

Sonha que está sendo perseguida pelo pai, que tenta matá-la, mas é ela quem o mata, com violência. Se lembra do filme “A sociedade dos poetas mortos”, no qual um menino comete suicídio, pois o pai o obriga a estudar o que ele não quer. Percebe que ela mata o pai, que não a obriga a nada. Mostra-se, assim, a impostura paterna.

Elisa tem paixão pelo gênero artístico da fantasia, o que a faz pensar em Nell, um desenhador *gore* que descobriu na internet. Diz que voltou a desenhar, o que não fazia há alguns anos. Fez desenhos dos animais que o pai cuidava, depois desenhos *gore*. Agora, com cores e abstração seus desenhos se liberaram do horror e da ironia. Uma construção ao redor da letra L, que se desprende do imaginário e do beco sem saída da identificação. Uma amiga próxima lhe diz que, se fosse um homem, o nome

Eliel ficaria bom. A paciente enuncia a possibilidade de chamar-se Li, entre Elisa e Eliel. Diz que Li está bem, pois conserva o L⁴. Dessa forma, Elisa se descola da fantasia agressiva contra a sua mãe, que também retornava contra ela, pois tratava-se de um ódio contra parte dela mesma. O asco pelo corpo da mãe se diferencia da feminilidade, esta pode integrar a L.

Vemos, com este caso, que, como Freud (1996)⁵ já havia elaborado, o período da adolescência é um túnel perfurado nas duas extremidades. Para ele, de um lado, o infantil, momento do qual o sujeito leva a corrente terna que deve destinar ao objeto sexual; na outra extremidade, a vida adulta, ou a saída da adolescência, onde ocorre a convergência da corrente terna com a sensual. Uma travessia na qual se faz necessária uma separação dolorosa dos objetos de amor infantis, para se deparar com o gozo, com o desencontro, com a não existência da relação sexual, com a impossibilidade, a morte – e, então, criar uma fantasia que possibilite o encontro com o objeto de desejo. Li deixa de ir ao consultório de Nathalie Crame com algumas dessas questões ainda em suspenso – parece não realizar a travessia, que passa por se deparar com o seu desejo, com o seu gozo e com o que dele se associa ao par amoroso; mas consegue realizar uma separação em relação ao pai, irmão, mãe e avó.

Lacan (1974) apresenta essa travessia e seus percalços no prefácio à peça teatral “O despertar da primavera”. Em um primeiro momento, temos o véu encobrendo o sexual e cristalizando a não-relação. O que se produz é a fantasia, que exerce função de real, insinuando a ideia de um todo, mas que impede o encontro com o real. Cunha *et al.* (2022), a partir de Cosenza (2018), apontam que nesse primeiro momento do véu, teríamos os sonhos e que “o despertar dos sonhos precede e possibilita a iniciação sexual ao alojar a questão do sexo no inconsciente” (Cunha *et al.*, 2022, p. 57). Desse momento, decorre o trauma da descoberta de que debaixo do véu não há nada – coloca-se a não-relação sexual – e a descoberta de que o Outro não fornece garantia. Por fim, há o tempo do consentimento com a perda constitutiva que possibilita o desejo e o amor.

Li parece estar ainda alojada na ideia de um todo, sem consentir com a queda do véu, constrói uma solução na qual não se posiciona na partilha sexual, escolhe, como posição subjetiva, como gênero, não escolher. Ante o problema da sexuação,

⁴ Em francês há um jogo de palavras, uma vez que elle (ela, em português) e L se pronunciam da mesma maneira.

⁵ Texto originalmente escrito em 1905.

sua posição sexuada fica adiada. Pode-se supor que o encontro com o Outro sexo, evitado até então, não deixará de inquietá-la, visto que o gozo estrangeiro irrompe no corpo.

Cunha *et al.* (2022) retomam Stevens (2004) para apontar a adolescência como um sintoma da puberdade, “uma série de respostas possíveis diante de uma pergunta impossível sobre o sexual” (Cunha *et al.*, 2022, p. 58). A tentativa de se criar uma resposta para o mal-estar do excesso de gozo que não encontra mais uma borda nas respostas paternas ofertadas na infância.

Li busca respostas para esse mal-estar sem que encontre algo que possa fazer uma borda a isso, podemos tomar o seu mal-estar – que a faz vender os seios – como uma resposta possível frente à inoperância da identificação aos traços do pai, ao impossível de encontrar no dicionário a palavra que ela busca e que será capaz de responder precisamente aos mal-entendidos, aos vazios que tanto a angustiam e ao sexual.

Durante a conversação clínica deste caso, Miller pontuou que podemos tomar esse dicionário como o inconsciente de Li, no qual não há as coordenadas para que ela se oriente em relação ao sexo. Assim, as ofertas *prêt-a-porter* encontradas na internet para lidar com o sexo a levam a nomear o seu mal-estar como disforia de gênero. Ela escreve uma carta aos pais, anunciando a solução encontrada, mas, posteriormente, descreve esse anúncio como precipitado. O acompanhamento da analista possibilitou um processo de elaboração sobre si mesma que culminou em uma outra escrita, a do seu nome, Li, como uma borda possível, naquele momento, ao mal-estar da sua adolescência. Li é um nome não identificado nem à mãe, nem ao pai. A paciente se encontra conversando com sua analista, uma mulher que não a enche de perguntas e nem de soluções, como as figuras femininas de sua família. Resta ainda superar o rechaço do corpo e do gozo⁶, mas o encontro que ela teve com uma nova amiga, o percurso analítico realizado e a nomeação Li já sinalizam a sua diferença. Tendo como referência a imagem do túnel proposto por Freud, a escuta analítica propiciou, nesse caso, um certo percurso, que demandou tempo e elaboração. O analista foi um suporte que propiciou uma aposta no encontro com o outro.

⁶ Nas próximas seções serão abordadas com maiores detalhes as questões referentes à posição subjetiva, posição sexuada, rechaço do corpo e gozo pontuadas nesse caso.

Um aspecto importante do caso são as relações familiares de Li. Como vimos, pertencer à linhagem feminina de sua família era insuportável para ela, uma vez que sua mãe abdicou de sua feminilidade e sua avó ganhava o Oscar da angústia. Tendo em vista a possibilidade do riso existente do lado familiar masculino, Li buscou como solução identificar-se com o pai e o irmão. Contudo, a adolescente percebeu que havia na imagem que fazia dessas figuras masculinas uma impostura. Buscando encontrar uma solução para seu mal-estar, Li escreveu a carta aos pais, o que angustiou muito sua mãe. Essa, por sua vez, tomou uma direção importante ao lidar com a situação e apostou na palavra como forma de manejar, buscando, assim, ajuda profissional. Verificamos, em seguida, como a mãe de Li se viu, em um primeiro momento, desconsiderada pelo serviço que atendeu sua filha, que foi orientada a já iniciar a transição demandada, sem que houvesse antes um espaço de elaboração e contextualização do que se passava com a adolescente.

Miquel Missé – sociólogo, que trabalha com as questões do gênero – e Noemi Parra – antropóloga, doutora em estudos de gênero –, ao conduzirem uma pesquisa em Barcelona intitulada “Adolescencias trans: acompañar la exploración del género en tiempos de incertidumbre” (Missé; Parra, 2022), entrevistaram adolescentes em transição de gênero, profissionais que trabalham em serviços que acolhem estes adolescentes e seus familiares. Os autores apontam a importância de que os adolescentes disponham de um espaço seguro para obter informações, refletir e conversar com quem desejarem sobre sua transição.

Eles ressaltam ainda a importância de um acompanhamento emocional que possibilite aos adolescentes explorarem e experimentarem o gênero; em que eles possam buscar elaborar o que esperam da transição, expandido, assim, a sua capacidade de decisão. Algumas dessas decisões – principalmente as que se referem a intervenções no corpo – precisam de reflexões robustas, sabendo que algumas delas implicam em mais consequências do que outras, e que não se tem que decidir nada a curto prazo. Ademais, eles ressaltam, principalmente, a importância de que essas decisões passem pelas elaborações dos adolescentes e que não venham apenas de outras pessoas. Ou seja, os pesquisadores apresentam a necessidade de uma construção que vá para além da demanda inicial do adolescente. Se trata de realizar um caminho com o adolescente e sua família para que seja elaborada uma demanda não do lugar da urgência, mas de uma agência.

Os autores desse estudo abordam, então, a pressa com que alguns serviços e familiares respondem à demanda de transição dos adolescentes. Como pudemos ver no caso Li, no primeiro serviço em que foi atendida, sua demanda pela transição foi atendida, sem que houvesse nenhuma elaboração prévia. A dificuldade ou insuportável que é para alguns destes serviços e familiares o espaço do “entre”, do não saber, da incerteza, necessário para que seja respeitado o tempo subjetivo de construção de um itinerário de transição pelo adolescente. Poder esperar se mostrou um ponto relevante a ser apreendido pelos serviços, familiares e adolescentes. Os autores ressaltam que vivemos em um tempo em que todos buscam certezas para poder viver, mas que é fundamental consentir com a medida da incerteza que a vida implica. Para que essa espera possa ir se tornando mais suportável, é importante o esforço de se introduzir a possibilidade de que os adolescentes experimentem a incerteza de uma sempre delicada transição.

O que parece irrefreável é que, frente ao encontro com o real sexual na adolescência, cada sujeito buscará formas de manejo com esse mal-estar. A subversão da imagem corporal e da linguagem são sintomas possíveis frente a esse real. Vemos como Ana Rosa, uma adolescente que foi atendida no “Janela da Escuta”, realiza essa subversão. O caso da adolescente está apresentado de forma integral no livro “Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida” (Cunha *et al.*, 2022, p. 307).

Ana Rosa é uma adolescente que se apresentou como mulher trans ao ser atendida no “Ambulatório Janela da Escuta”. Seu nome é uma homenagem à avó, Ana, e faz referência às flores. Porta, assim, o afeto da avó bem como a delicadeza das rosas, orientação importante para a condução dos atendimentos. Usa esse nome há três anos e tem vontade de retificar os documentos.

Sua família é, para ela, uma importante rede de apoio e ela se sente apoiada por eles na sua transição. Vinda de uma família numerosa, com vários irmãos, Ana tem uma irmã gêmea, sua melhor amiga, que mora com a avó há alguns anos. Os pais têm histórico de etilismo grave e um de seus irmãos faz uso abusivo de drogas. Aos 14 anos, a adolescente iniciou tratamento psiquiátrico devido a depressão grave e ansiedade e fazia muito uso de maconha, cocaína e lança-perfume. Além disso, a família estranhava o fato de Ana usar somente roupas femininas, o que fez com que a levassem ao psiquiatra e psicólogo. Na escola – com a qual rompeu, por não aceitarem sua transição –, a jovem apresentava dificuldades de aprendizado.

Ana Rosa relatou que odiava seu corpo – o excesso de pelos e ausência de seios – e que não aguentava mais o aprisionamento do corpo. Desde sua internação no sistema socioeducativo, serviço que levou Ana até o “Janela da Escuta”, tem se cortado nos braços e feito tentativas de autoextermínio. Relatou que, desde nova, não se sentia bem com o seu corpo, que sempre gostou de roupas femininas e do universo feminino. Disse que parece ter nascido trocada com a irmã – ela “toda largada” e Ana gostando de se arrumar. Na infância, escutou de um tio que deveria ter nascido morta, fala que Ana sempre relembra.

Ana foi encaminhada para o Ambulatório Anyky Lima⁷ por já ter feito uso de hormônios, de forma independente. Além disso, mostrou a dificuldade existente durante sua adolescência de se construir um corpo, ao se referir ao seu corpo de forma muito concreta, sem simbolização. Nesse ambulatório, contou, de maneira espontânea, que tinha enorme desconforto com a sua genitália, que não a usava nas relações sexuais, nem em masturbação e que as esporádicas ereções lhe causavam desconforto. Essa adolescente denunciou as representações de gênero, ao concluir que sua irmã é menos feminina que ela e que pode haver uma mulher com pênis, como também um homem com útero. Como vimos no caso de Li, o gênero se refere a uma posição subjetiva, não a um órgão biológico, o que Ana Rosa explicitou em seus atendimentos.

Na clínica psicanalítica com adolescentes trans “está em jogo a construção de um nome, de um corpo, de uma amarração sintomática” (Cunha *et al.*, 2022, p. 318). Além da mudança do corpo infantil – que pode escancarar as ambiguidades no campo da sexualidade e o fato de que o corpo biológico não é suficiente para definir o gênero ou sexo de um sujeito –, estão em jogo também as transformações psíquicas já tratadas aqui com Freud e Lacan. Uma dupla transformação que, por vezes, exigirá uma escuta adequada para que algo da travessia da adolescência possa acontecer e uma solução diante do gozo sexual possa ser inventada.

O espaço de escuta das questões da adolescência passará pelas questões do real do sexual e da criação de invenções singulares que possibilitem a continuidade do laço com a vida. Tais invenções podem passar por questões relativas à transgeneridade, ou não. Cada vez mais vemos os adolescentes apontarem as

⁷ O Ambulatório Trans Anyky Lima, do Hospital Eduardo de Menezes, da Rede Fhemig, foi o primeiro serviço ambulatorial de atenção especializada no processo de transgeneridade da saúde pública estadual, destinado à população trans de Minas Gerais.

transições de gênero como uma forma de lidar com o mal-estar próprio do ser humano e devemos considerar que a adolescência, em certa medida, nos aponta para as mudanças que estão por vir ao mundo.

Miquel Missé e Noemi Parra (2022) propuseram, ao final das entrevistas com os adolescentes que participaram da pesquisa abordada nesta seção, que eles pensassem em um conselho que se dariam, ou dariam a outros adolescentes, quando comessem a transição. Nas mensagens, é possível extrair que os adolescentes dizem para eles próprios para ter “autoestima, paciência e calma” (Missé; Parra, 2022, p. 140). Eles passaram por situações difíceis e buscaram soluções rápidas e urgentes para evitar uma catástrofe imaginária. Porém, o tempo demonstrou que nada catastrófico se passou e que era necessário também o passar do tempo para viver as experiências e buscar as coordenadas dessa dupla transição.

Vemos que a adolescência é uma transição física e psíquica muito delicada, por isso, é importante que seja sustentada em um espaço no qual o adolescente possa experimentar, elaborar, transitar de criança para adulto – com todas as implicações e transições secundárias que possam se apresentar nesse processo. A possibilidade de que a transição da adolescência aconteça dessa maneira torna mais provável que o adolescente chegue à vida adulta enlaçado com a vida, e não dragado pelo lado mortífero do gozo, quando se depara com o despertar do sexo. Uma vez que alguns recursos tenham sido construídos, o adolescente poderá valer-se deles para lançar-se ao mundo.

3 O ADOLESCENTE E SEUS DIVERSOS ESPECIALISTAS

Nesta seção, o caso de Maria Laura instigará a discussão sob a perspectiva da psicanálise contemporânea. Este caso será publicado no próximo livro do Programa de Extensão “Janela da Escuta”, programa este no qual a adolescente foi ouvida pelo psicanalista Vinício Araújo Martins. A experiência de Maria Laura nos ensina sobre a adolescência e os diversos saberes especializados que buscam intervir neste momento da vida de um sujeito. Vamos ao caso:

Maria Laura tem 14 anos, é a filha mais nova de um casal que possui três filhos, sendo Maria Laura a única mulher e filha adotiva. O primeiro contato com o atual analista resultou do encaminhamento de uma ginecologista do “Janela da Escuta”. Ao longo da consulta ginecológica, a adolescente expressou um desconforto com seu corpo, relacionado ao fato de não se sentir uma menina. Isso gerou nos pais um espanto por ser algo que nunca havia sido dito. Em consulta com os pais, eles ressaltaram sua dedicação aos filhos, levando-os a todos os especialistas indicados. A mãe fez uma lista de todos os profissionais relacionados ao cuidado da filha e enviou os contatos para o analista: psicopedagoga, coordenadora da escola, neuropediatra, hebiatra, endocrinologista, psiquiatra, fisioterapeuta urológica, terapeuta ocupacional, ginecologista. Mais recentemente, por questões mais pontuais, um ortopedista e um oncologista realizaram acompanhamentos em função de uma queda e de uma suspeita de tumor, respectivamente. O excesso de especialistas se desdobra em uma multiplicidade de condutas que não dialogam entre si e que, em alguns momentos, parecem mesmo se sobrepor ou tomar direções diferentes. Há os diagnósticos de *déficit* de atenção, hiperatividade, compulsão alimentar, enurese e ansiedade. Todos esses diagnósticos são tomados enquanto demandas de cuidados específicos. Ela ainda fazia aulas de Muay Thai, dança e teatro.

A adolescente prefere ser acompanhada às sessões pelo pai e relata que a mãe invade seu espaço, a julga constantemente e deseja que ela seja sua “princesinha”. Maria Laura escreveu uma carta aos pais, na qual reafirmava não se identificar como uma menina e sim como um menino e aponta o desejo de trocar suas roupas e raspar a lateral dos cabelos, que nesse momento já estava curto. Sobre as roupas, ela conta ao analista que isso significa poder escolher o que vestir, sem interferências. Outras coisas não seriam para esse momento. As roupas – nomeadas como masculinas e indicadas como passíveis de uma escolha livre de interferências

– podem indicar uma borda possível ao excesso materno, um anteparo à devastação materna diante da escolha de adoção de uma filha.

Em consulta com a hebiatra, a profissional conversa com a mãe a respeito da existência de um ambulatório especializado em Belo Horizonte. A oferta de um serviço especializado foi levada pela mãe ao analista, que ressalta que essa deveria ser uma decisão em que a principal opinião deveria ser a da adolescente, levando-se em consideração o direito ao acesso a um serviço especializado, mas também a pertinência de, naquele momento, ocorrer a entrada de mais especialistas, visto que a demanda apresentada pela adolescente não exigia um serviço médico especializado. Até o momento em que o analista realizou o acompanhamento do caso, a mãe estava aguardando o atendimento no ambulatório trans específico.

Na contramão de uma oferta de respostas rápidas e ao melhor estilo *prêt-à-porter*, tão adequada à lógica neoliberal, a psicanálise se coloca mais próxima à alfaiataria, onde a costura é no um a um. Uma construção que se distancia de respostas prontas, abrindo espaço para que o próprio sujeito construa suas saídas e soluções – mesmo que provisórias e com lacunas. Para Maria Laura, o excesso de sua mãe tem gerado reiterados conflitos: parece tentar calar algo que somente a adolescente poderá construir e que as especialidades não conseguem responder. No encontro com o analista, a aposta é de que algo singular possa ser construído.

O caso de Maria Laura aborda vários pontos importantes para a psicanálise, em especial na clínica com adolescentes trans. Nesta seção, tratarei, principalmente, de como a adolescência, e as questões próprias deste momento, convocaram diversas especialidades médicas a dizer algo sobre Maria Laura. Dessa forma, buscarei cernir este ponto dos discursos, dando relevância para o uso feito do discurso capitalista pela tecnociência, e tratá-lo de maneira detalhada. Para além das especialidades médicas, contemporaneamente, vemos ainda que os adolescentes buscam como possibilidade para o tratamento do seu mal-estar, a identificação a grupos, compulsões, nomeações presentes nas redes sociais etc. Para podermos, nesta seção, tratar destas possibilidades encontradas pelos adolescentes e suas famílias para lidar com a adolescência, preciso, antes, fazer um breve desvio pela Teoria dos Discursos de Lacan. Pretendo, assim, chegar à discussão que será aqui proposta tendo situado o leitor em relação à obra lacaniana.

Nobre (2020) nos apresenta o contexto francês em que a teoria lacaniana dos discursos é elaborada: primeiro, a discussão em torno da noção de discurso em

evidência no meio intelectual; a relativização das figuras de autoridade como organizadores da vida, com o crescimento das noções de amizade e prazer e, também, o crescimento das teorias da informação e propagação do uso de computadores.

É fundamental contextualizar a teoria dos discursos de Lacan no momento social de sua elaboração, pois é justamente esse o objetivo da presente seção desta dissertação: contextualizar como o discurso capitalista e universitário, na sua proximidade com a tecnociência, e em consonância com a evaporação do Nome-do-pai e a feminização do mundo, estão relacionados com a questão trans aqui discutida. É no cenário contemporâneo desses discursos, da evaporação do Nome-do-pai e da feminização do mundo, que verificamos uma intensificação das questões de gênero surgirem, sendo, desta maneira, indispensável verificar as implicações desses discursos nas questões de gênero que emergem. Passemos às elaborações lacanianas sobre os discursos para que possamos, em seguida, chegar às principais discussões desta seção.

Lacan sistematizou, por meio de matemas, conceitos já presentes em sua obra, mantendo o reconhecimento da linguagem e do simbólico como fundamentais para o laço social. No Seminário 17, a estrutura do matema é usada por Lacan, uma vez que, naquele momento, ele acreditava que era por meio da matemática que poderia ser feita a transmissão integral do que pretendia. Mesmo que o matema pressuponha um resto que o escapa, Lacan buscou inserir na própria estrutura do matema a impossibilidade.

Nesse período da obra de Lacan, a noção de discurso e laço social se equivalem, essa equivalência “que extrapola o plano da palavra permite que, ainda que esta última seja dispensada, a linguagem se mantenha na estrutura topológica discursiva” (Nobre, 2020, p. 103). Nobre (2010) nos orienta ainda que conceitos como saber, verdade e gozo assumem outro patamar e passam a se articular.

Para Nobre (2020), a teoria dos discursos busca, reconhecendo a presença do gozo na fala, articular os algoritmos da linguagem para delinear o laço social, ou seja, postular o laço social articulando-o ao mais singular do sujeito, o gozo. Lacan afirma, no Seminário 17, que “A linguagem nos emprega, e é por aí que aquilo goza” (Lacan, 1992, p. 62), acrescento, podendo vir, ou não, a fazer laço.

O S1, presente nos discursos, se refere à marca de gozo inaugural e, portanto, mais singular do sujeito. É ele que garante a estrutura inconsciente, uma vez que

representa o sujeito na bateria significativa, estando fora dela. S1 não tem sentido intrínseco e, para Miller (2012 *apud* Nobre, 2020, p. 147), é possível dizer que o “significante representa o gozo para outro significante”.

O saber, S2, será entendido como uma rede de significantes interligados e que já estão lá, os significantes já não estão mais como uma cadeia, que remete a uma certa linearidade da articulação significativa inconsciente. Além disso, saber também será entendido como meio de veiculação de gozo, cujo signo é o *a*. Os discursos vêm para Nobre (2020, p. 114) conciliar o paradoxo: “enlaçar, no campo do Outro, o impossível de representar, tendo como via o significante”.

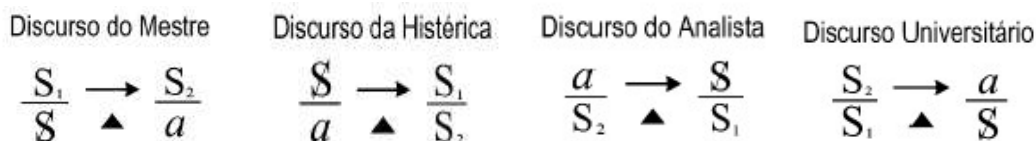
O objeto *a* é a tentativa de suplementar e reparar a perda de gozo inaugural, e, portanto, irá sempre se repetir. “É retomando o conceito de mais-valia, de Karl Marx, no âmbito do Seminário 16, que Lacan nomeia o objeto *a* como “mais-de-gozar”, inserindo um novo ângulo em que ele passa a se incumbir também dessa função suplementar” (Nobre, 2020, p. 116). Nesse momento dos discursos, o gozo, para Lacan, busca recuperar a entropia resultante da linguagem e isso é feito por meio do mais-de-gozar.

De fato, é apenas nesse efeito de entropia, nesse desperdiçamento, que o gozo se apresenta, adquire um status. Eis porque o introduzi de início com o termo *Mehrlust*, mais-de-gozar. É justamente por ser apreendido na dimensão da perda - alguma coisa é necessária para compensar, por assim dizer, aquilo que de início é número negativo - que esse não-sei-quê, que veio bater, ressoar nas paredes do sino, fez gozo, e gozo a repetir. Só a dimensão da entropia dá corpo ao seguinte - há um mais-de-gozar a recuperar (Lacan, 1992, p. 48).

É na fenda entre S1 e S2 que se situa o sujeito, \$, e é também dessa operação de alienação e separação que se extrai o objeto *a*. Assim, Nobre (2020) aponta que, ali onde havia sujeito, há, então, gozo perdido.

Buscando estruturar o que pode subsistir em “certas relações fundamentais” (Lacan, 1992, p. 11 *apud* Nobre, 2020, p. 144), Lacan propõe as quatro matrizes discursivas, conforme figura 1:

Figura 1 - Matemas dos Discursos de Lacan

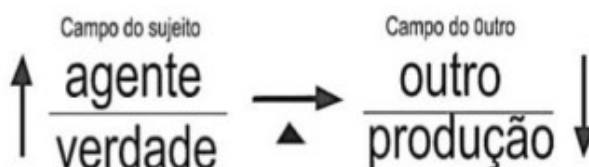


Fonte: Nobre(2020, p. 190).

Temos aqui a formação, em quadrúpede, dos elementos que Lacan buscou articular na teoria dos discursos, reproduzindo, assim, a partir dos elementos da linguagem, as matrizes do laço social. Nesse momento, ele inclui o objeto *a*, tendo-o como a inscrição do real do gozo presente de maneira extremamente relevante nos matemas.

Essa estrutura é composta pelo campo do sujeito e pelo campo do Outro, com quatro lugares fixos e funções estabelecidas (figura 2):

Figura 2 - Estrutura do matema dos Discursos de Lacan



Fonte: Nobre (2020, p. 145)

A conexão entre o campo do sujeito e do Outro é o que estabelece o laço social. No campo do sujeito temos o agente do discurso e a verdade que o fundamenta, separados pela resistência à significação. O agente é o que estabelecerá a relação com o Outro, configurando o laço social. No campo do Outro, no patamar inferior, temos a produção, que é o resultado do que o discurso em questão veicula. Os lugares da verdade e da produção não se comunicam, marcando a impossibilidade de a verdade toda se revelar.

É a verdade isolada, enquanto consistência do real/atrelada ao real, que nos aponta para um impossível. Nenhum vetor se conecta com esse lugar, fazendo aparecer o impossível de acesso total a ela. Temos a verdade como um semi-dizer, uma vez que essa verdade se mostra sempre pela metade, como formações do inconsciente, sendo ela que fundamenta um discurso. Não há, nos discursos, algo

que possa fazer aparecer a verdade que o fundamenta, por isso esse lugar permanece isolado.

Os quatro elementos significantes - \$, S1, S2 e *a* - circulam por esses lugares, caracterizando cada um dos diferentes discursos.

Vamos nos deter por um momento no discurso do mestre, a partir do qual, Lacan irá derivar os demais discursos. Souza *et al.* (2018) afirmam que o discurso do mestre é uma descrição das intrincadas relações de identificação, alienação e separação presentes nas relações intersubjetivas durante o processo de constituição do sujeito. Naquele discurso, “S1 é, (...), o significante, a função de significante sobre o qual se apoia a essência do senhor” (Lacan, 1992, p. 18) e que intervém diretamente sobre o campo do Outro. Já o S2 está no campo do Outro, o escravo, enquanto suporte do saber. O Outro, escravo, é quem detém o gozo, que no lugar da produção revela a exigência do senhor. No lugar da verdade desse discurso está o \$, revelando que o senhor também é castrado. Lacan (1992) afirma que, na era antiga, o escravo tinha uma função tanto na família quanto no Estado, pois é ele que detém um *savoir-faire*, um saber fazer, articulado, que o senhor subtrai do escravo.

Souza *et al.* (2018) elucidam que Lacan extrai esse discurso da teoria hegeliana presente no capítulo 4 da “Fenomenologia do Espírito”, qual seja, “A dialética do senhor e do escravo”. De maneira bastante sucinta, o que se dá é um conflito entre consciências a fim de se obter reconhecimento de uma consciência estrangeira. O que está no horizonte dessa batalha é a morte e o saldo é o recuo de uma delas. Dessa batalha surge, então, uma consciência independente – a do senhor, S1 – e uma consciência dependente, que retrocede diante da morte, para quem seu ser consiste em ser para o Outro – trata-se do escravo, S2.

Senhor e escravo passam a se relacionar a partir da produção do escravo, *a*, que fica entre o escravo e o senhor. O último obtém a posse da produção e goza a partir dela, já o escravo sonha em deter sua produção e gozar dela, aproximando-se, assim, da potência do senhor. Para Hegel, o final dessa relação dialética se daria com o reconhecimento do escravo de que ele detém todo o saber da produção, bastando que ele reconhecesse a sua capacidade de agir e criar para que o senhor descobrisse a sua dependência e incompletude, \$. Contudo, para Lacan, o escravo goza desse lugar que ocupa, o que demonstra o fracasso e também a razão desse discurso.

As transmutações do discurso do mestre, nos revelam que o mestre, ao se apropriar do saber do escravo, transformou esse saber fazer em saber de mestre,

saber teórico. “A globalização desse saber apropriado do escravo, tendo adquirido um estatuto de ‘objeto’ ao qual tem sido agregado um valor de mercado, permitiu deduzir o discurso capitalista” (Brandão, 2019, p. 35 *apud* Souza, 2003, p. 135). Para a formalização em matema dessa transmutação do discurso do mestre, Lacan realiza uma torção no campo do sujeito, resultando no matema do discurso capitalista (figura 3).

Figura 3 - Matema do Discurso Capitalista

$$\begin{array}{cc}
 \text{Discurso do Mestre} & \text{Discurso Capitalista} \\
 \frac{S_1}{S} \longrightarrow \frac{S_2}{a} & \downarrow \frac{S}{S_1} \times \frac{S_2}{a} \downarrow
 \end{array}$$

Fonte: Nobre (2020, p. 190).

O “capitalismo pode ser considerado como discurso relativo à constituição de uma certa realidade, definida por um tipo de laço social que implica um certo regime de gozo” (Gonçalves, 2000, p. 33). A realidade, nesse contexto, é abordada com a linguagem do gozo, uma vez que o gozo é explorado a todo momento pelo capitalismo. O discurso capitalista forja a possibilidade de que objetos-mercadoria ofertados pelo mercado obturem a falta constitutiva do sujeito e ofereçam a tão almejada completude – no matema, objeto *a* e sujeito estão em relação direta. Instaura-se, assim, um mecanismo feroz de consumo e gozo, impossível de se satisfazer, o mais-de-gozar. Nesse contexto, Lacan aponta para a ascensão do objeto *a* ao zênite social, se valendo do mais-de-gozar como modo de vida. Nessa realidade, “A existência da forma social dominante não é avaliada segundo a sua capacidade funcional de promover o bem-estar das pessoas, mas justamente o contrário, o bem-estar e a existência social das pessoas são avaliadas em sua compatibilidade com o fluxo de capital” (Kurz, 1999 *apud* Gonçalves, 2000, p. 33).

Fajnwaks (2023) afirma que no discurso capitalista,

S1 e S2 aparecem holofraseados, soldados, formando parte do circuito mais geral ao que se agrega o laço do sujeito barrado ao objeto *a*, o que dá a sua formalização ao fantasma fundamental e à participação do sujeito, a partir desse fantasma, nesse circuito (Fajnwaks, 2023, p. 262).

Para o autor, é esse congelamento entre S1 e S2 que dá o tom de debilidade mental do sujeito nesse discurso, sua mortificação tão bem retratada nos diversos filmes de zumbis, mortos-vivos que retratam os sujeitos contemporâneos. Mesmo que em alguns momentos haja o uso de S1 e S2 de forma separada nesse discurso, esse uso não propicia a emergência do sujeito, o que permite afirmar que no discurso capitalista há a forclusão do sujeito.

Fajnwaks (2023) afirma ainda que, por vezes, podemos verificar o uso de um S1 qualquer, sem S2, de forma instrumentalizada, com o objetivo de formar comunidades identitárias. Esse S1 vem, então, muitas vezes, recobrir um modo particular de gozo. Já do lado do S2, temos o conhecimento científico, que legitima os fenômenos da segregação, e que será melhor trabalhado mais a frente nesta seção.

Diferentemente dos demais discursos abordados na teoria lacaniana, a representação geométrica do discurso capitalista é plana, fechada e completa, não comporta uma espécie de vazio, de impossibilidade, de freio ao gozo, uma vez que não há marca de uma impossibilidade entre os lugares da verdade e da produção. Diferente dos outros quatro discursos – do mestre, universitário, da histórica e do analista –, nos quais, “por onde quer que se encarem as coisas, de qualquer modo que as revirem, a propriedade de cada um desses esqueminhas de quatro patas é a de deixar sua hiância” (Lacan, 1992, p. 193)⁸. É em torno dessa hiância que, nos discursos, se torna possível a constituição de um laço social.

Se o discurso capitalista estrutura um modo de laço social em que o objeto convém ao sujeito, isso parece implicar uma satisfação que seria incompatível com a estrutura do desejo. Mas uma mercadoria consumida não consome a satisfação, relança sempre uma falta. Uma coisa é o que anuncia o discurso corrente, o imaginário propagado em que se fala de adequados objetos de satisfação, outra coisa é a estrutura do denominado discurso capitalista (Gonçalves, 2000, p. 68).

No discurso capitalista, o lugar da verdade diz sobre o gozo, não sobre a verdade ou o semblante construído pelo sujeito, indo, portanto, na contramão da castração.

No que se refere ao laço social produzido a partir desse discurso, Gonçalves (2000) ressalta que, uma vez que os efeitos desse discurso estão se produzindo nos sujeitos, há aqui laço social. Porém, devido às suas características, esse discurso está em curto-circuito, e o laço social produzido também estará: será um laço de mercado,

⁸ Texto originalmente publicado em 1969-70.

que marginaliza aqueles que não participam dele. Já para Dias (2017), as diferenças estruturais do discurso capitalista promovem a ruptura do laço social, em que esse discurso “simula o encontro do sujeito com a verdade do discurso e coloca o objeto entre o sujeito e o outro” (Dias, 2017, p. 68), possibilitando uma renúncia da relação com o outro, como podemos observar nos sintomas contemporâneos das adições.

No que se refere ao tema deste trabalho, é imperativo que nos perguntemos de que maneira a presença maciça desse discurso no mundo contemporâneo se relaciona com os sujeitos transgênero. O que Fajnwaks afirma é que, sem dúvida, a fluidez de gênero “são nomes desta fluidez do gozo que atestamos no discurso que examinamos, onde não há freio na impossibilidade” (Fajnwaks, 2023, p. 269). São sujeitos que “tentam encontrar um arranjo com um gozo liberado da borda fálica que lhe dava uma borda a esse gozo não-todo” (Fajnwaks, 2023, p. 270).

Em contraponto ao discurso capitalista, o discurso do analista parte do real da incompletude. O analista encarna assim, o objeto *a* para o paciente possibilitando que o ideal de completude caia. Além disso, “Lacan viu na experiência de uma análise a possibilidade de uma saída do discurso capitalista, visto que ali é possível trabalhar duas questões essenciais: a submissão a um mestre e a vertente pulsional, sem esquecer que se esta saída fosse apenas para alguns, não significaria nenhum progresso no social” (Caretti, 2021).

Lacan (2011)⁹ afirma que “o discurso capitalista não quer saber nada da castração, foraclui, então, as coisas do amor”. O discurso capitalista promove o gozo, e o gozo não faz laço social, esse discurso promove o laço com objetos, em que “O amor é reduzido à categoria de mercadorias licenciadas” (Fajnwaks, 2021). Contudo, o amor é o encontro com o contingente, e vem bloquear esse funcionamento em curto-circuito do discurso capitalista, pois “abre um intervalo para o sujeito no continuum do gozo que circula entre os quatro termos. Os amantes se subtraem do circuito, abrindo espaço para outra coisa que não serve ao circuito em jogo” (Fajnwaks, 2023, p. 271).

Para a psicanálise, “o amor ocupa um lugar completamente diferente, o de uma embreagem, através da transferência, o que permite a cada um conhecer algo desta parte amaldiçoada que o habita e o impulsiona a conectar-se a este circuito” (Fajnwaks, 2021). Quando o analista se coloca como objeto *a* – causa de desejo – e sob transferência – esse novo amor –, o sujeito entra em associação livre, revela o

⁹ Texto originalmente publicado em 1971-72.

seu sintoma e rastreia o seu desejo. “Ou seja, colocar o desejo do sujeito em causa em vez de tamponá-lo ou de buscar a eliminação do sintoma é o que permite alguma liberdade do sujeito em relação à sua alienação estrutural ao discurso do mestre” (Dias, 2017, p. 71).

Assim, a psicanálise permite que o sujeito elabore e “se o próprio falante se faz à imagem e semelhança do discurso no qual está alienado, saber da alienação e do engano é ganhar em liberdade de modo a se colocar em outra posição: a de quem decide se aceita ou não os termos desse discurso” (Gonçalves, 2000, p. 120). Por meio da embreagem da transferência se torna possível esvaziar o gozo, encontrar com o real da castração, devolver ao amor sua dignidade e a possibilidade de laços mais amorosos, para além do uso de mercadoria que o capitalismo fez também do amor.

Nas palavras de Tarrab (1992 *apud* Sanada, 2004, p. 190), no discurso capitalista “um sujeito em sua falta de gozo estrutural demanda ao saber científico a produção de um objeto capaz de um gozo que, sem consequências, venha a suturar sua castração, sua divisão, sua miséria...”.

Vemos no caso de Maria Laura como a demanda de sua mãe por diversos profissionais e diagnósticos podem ser interpretados como objetos fornecidos pelo capitalismo para tamponar a divisão de Maria Laura, tratando seu mal-estar de modo a aproximá-la de um sujeito não castrado, a “princesinha” da mamãe. A entrada do discurso analítico na cena e, portanto, a partir do laço transferencial com o analista, a verificação da castração desse outro com quem Maria Laura fala pôde ser constatada, logo, a sua própria castração e incompletude foi transmitida e pôde ter um bom lugar. Vemos, doravante, a possibilidade de ela elaborar seu desejo em relação a presença do pai nos dias das sessões, a forma como cortaria seu cabelo e se vestiria.

A contemporaneidade se caracteriza por mudanças no laço social, marcadas, entre outras coisas, pela ascensão da ciência aparelhada pelo capitalismo. Assim, ao mesmo tempo em que o avanço da ciência permite melhorias na vida de todos nós – em alguns momentos viabilizando, inclusive, a continuidade da vida –, a hiperespecialização dos saberes e práticas científicas contribuem para reduzir, e muitas vezes até por eliminar, a via que dispomos para nos afirmarmos enquanto sujeitos, uma vez que as nomeações já operam uma determinação e um fechamento: desatento, doente, hiperativo, deprimido, toxicômano, agressivo, bipolar, autista, incapaz. Para Sanada (2004, p. 1), “a ciência se torna a principal representante do

discurso social, assumindo a função de nomeação do sujeito no mundo moderno, sendo responsável pela produção de objetos que visam à sutura da falta, favorecendo o surgimento de novas categorias sintomáticas”.

Fajnwaks (2023, p. 85) destaca que o uso de hormônios e as cirurgias têm feito da medicina “um parceiro privilegiado e primeiro da questão ‘trans’”. Contudo, aponta também os impasses existentes nessa parceria, uma vez que os protocolos são, frequentemente, muito rígidos.

A psicanálise é derivada do método inaugural da ciência moderna, contudo opera nela uma subversão radical, introduzindo, nesse campo, justamente o que a ciência expeliu – o sujeito, o inconsciente e o desejo. Ao passo em que a ciência tem como objeto de estudo o homem, universal, a psicanálise se dedica ao sujeito, singular. Uma vez que a ciência se dedica ao homem enquanto um organismo-objeto, suturando a dimensão do sujeito, temos como consequência que este já não se implica mais em seu sintoma. No discurso da ciência, aparelhado pelo capitalismo, há sempre algo a ser feito com o mal-estar: uma nova técnica, uma outra abordagem, um novo produto “os avanços da biomedicina permitem cada vez mais, e de maneira assintótica, que o biológico imponha cada vez menos limites às ambições humanas” (Fajnwaks, 2023, p. 286). Pela reconfiguração genética do corpo é possível torná-lo cada vez mais de acordo com a vontade do indivíduo, a cirurgia estética permite a remodelagem do rosto, a cirurgia de redesignação sexual permite a mudança de sexo, o implante de membros como mãos e pés possibilitam ao indivíduo reaver um membro de seu corpo. Assim, Fajnwaks (2023) ressalta que as intervenções médicas sobre o corpo já não discriminam as transformações terapêuticas das meramente estéticas e clinicamente desnecessárias e, nesse sentido, temos os avanços da medicina determinadas por um mercado.

Vimos na vinheta clínica do caso de Maria Laura – demonstrada no início desta seção –, a presença de diversos saberes especializados operando sobre o mal-estar da adolescente, sem que houvesse uma articulação entre eles: psicopedagogia, coordenação escolar, neuropediatria, hebiatria, endocrinologia, psiquiatria, fisioterapia urológica, terapia ocupacional, ginecologia, ortopedia, oncologia. Um mercado que, no caso de Maria Laura, sustenta diversos diagnósticos: *déficit* de atenção, hiperatividade, compulsão alimentar, enurese e ansiedade. Todos esses diagnósticos são tomados enquanto demandas de cuidados específicos a fim de cernir um mal-estar sempre presente e nunca formulado. É justamente no consultório

de uma ginecologista que é possível dizer sobre o desconforto com seu próprio corpo e com o fato de não se sentir uma menina.

Essencial dizer que a ginecologista em questão é próxima ao discurso psicanalítico e, frente a alguma resistência da adolescente em ser examinada, pôde abrir um espaço, a partir de uma pergunta a mais, para que ela pudesse dizer do seu incômodo. É nesse momento, em que uma brecha foi aberta no saber médico, que a adolescente pôde aparecer com suas questões.

Tivemos, a partir disso, a possibilidade de um encaminhamento para sessões de psicanálise nas quais o sujeito pôde ser convidado a falar e elaborar sobre o seu mal-estar, identificando, inclusive, uma borda necessária ao gozo materno nunca tratado em outro espaço. Fajnwaks (2023) destaca que as respostas às demandas trans, por parte da medicina, comportam um paradoxo: sem um espaço em que seja possível dizer, elaborar e até interrogar a demanda de transição, o corpo médico foraclui, nesse mesmo movimento de atender à demanda, “a possibilidade de toda dialética que o sujeito possa fazer de sua própria demanda” (Fajnwaks, 2023, p.85). A partir das consultas com o psicanalista, Maria Laura pôde ir sinalizando que gostaria que o pai a acompanhasse nas consultas, apontando aí para a necessidade de uma certa distância em relação à sua mãe e a maior presença paterna. Foi possível a ela elaborar que a sua transição significava a possibilidade de sair do lugar de “princesinha” da mamãe, ficando a insistência em comparecer ao ambulatório transespecífico do lado da mãe.

A ciência ignora a diferença marcada por Lacan entre ter um corpo e ser um corpo. De acordo com Lacan, o falasser adora seu corpo, por acreditar que o tem. Na realidade, ele não o tem, contudo, “seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante” (Lacan, 2007, p. 64)¹⁰, sendo esta a raiz do imaginário. Em seu último ensino, Lacan afirma que o falasser é efeito do significante, em que tem-se um corpo marcado pelas experiências vividas, pelas contingências e pelos dizeres que deixam traços. A partir da fala, a psicanálise busca dar lugar à verdade do sujeito, “a dimensão do saber naquilo que se articula à cadeia significante” (Sanada, 2004, p.184).

Lacan não formulou de maneira explícita o discurso da ciência, mas orientou quanto a possibilidade de variações advindas dos demais discursos. Assim, Sanada

¹⁰ Texto originalmente publicado em 1975-76.

(2004) realiza uma aproximação do discurso da ciência com os outros discursos. Ao aproximar o discurso da ciência ao discurso do mestre, a autora diz que a ciência passou a ocupar o lugar de S1, fazendo trabalhar o saber resultando em um sujeito dividido em relação à verdade como causa. Ao aproximarmos o discurso da ciência ao discurso universitário, é possível constatar que o discurso científico toma o saber como absoluto, um tudo saber. A autora sinaliza que a objetificação do sujeito responde ao desejo do senhor, que o toma como objeto de investigação pelo saber científico, representado no discurso universitário.

O que se promove a partir desse discurso é a coletivização de uma mesma maneira de gozar, ali onde a lei não opera para pôr limites, propõem-se normas que funcionam como suplências da lei do sujeito articulado ao desejo. Uma intenção de recomendar com uma norma “para todos”, o que não é senão uma particularidade de estrutura e peculiar da posição subjetiva (Unterberger, 1999, p. 64 *apud* Sanada, 2004, p.185).

O discurso universitário, aliado ao discurso capitalista – ao resultarem em um tudo saber instrumentalizado pelos diversos objetos oferecidos pelo capitalismo –, impede que algo do real possa advir, inclusive aquilo a que se refere à inexistência da relação sexual. Porém, o que vemos, cada vez com mais frequência, é o retorno desse real, rechaçado pelos estudos, na forma de crises em diversos campos distintos.

Alvarez (1995 *apud* Sanada, 2004), pesquisador dos sintomas contemporâneos, aponta que “se o sujeito se afirma como ‘eu sou’ (toxicômano, doente, deprimido etc.), correlativo a um ‘eu não penso’, como rechaço do inconsciente, reduz assim a distância entre o corpo como deserto de gozo e o gozo como fora do corpo” (Alvarez, 1995, p. 82 *apud* Sanada, 2004, p. 190). Faz assim, um certo tratamento desse gozo. Mas, se a ciência ocasiona a objetificação do sujeito, a psicanálise busca abrir espaço para a diferença, para o desejo e também para o sofrimento implicado no sintoma do sujeito, como verificado na história de Maria Laura.

Tendo como linha condutora a teoria dos discursos, sob a perspectiva do saber, vimos que o saber-fazer do escravo foi capturado pelo mestre moderno, que tornou esse saber um saber teórico ou tudo saber – presente no discurso universitário do qual deriva o discurso da ciência. Já no discurso capitalista, do mestre hipermoderno, esse saber está a serviço de fazer gozar, de explorar o gozo. O sujeito, suas questões, sofrimentos, saber inconsciente e desejo são, nesse contexto, cada vez mais deixados de lado, sem espaço para alguma formulação possível de seu sintoma.

Vejamos agora uma outra camada de mutações ocorridas no laço social que é imprescindível para pensarmos o fazer clínico contemporâneo, especialmente o fazer clínico com adolescentes trans: a evaporação do Nome-do-pai.

Nos anos 1970 surge o movimento feminista que, como alerta Brousse (2018), problematizou o patriarcado enquanto laço tradicional familiar que se reproduzia em toda a sociedade hierarquizando as relações. Esse movimento buscava denunciar os homens como dominantes do discurso e havia uma batalha pela repartição do poder de fala, pela queda do imperativo que mandava as mulheres se calarem. Laurent (2018) afirma que temos uma nova cena dos discursos: ao mesmo tempo em que vemos os donos do discurso falocêntrico, do outro lado há o surgimento de uma indignação e surpresa diante de tais declarações. Para ele, o feminismo consegue responder a esse transtorno no discurso do mestre machista, patriarcal.

A queda do falocentrismo deve ser pensada como dois discursos paralelos: radicalidade do falocentrismo, buscando a restauração de uma antiga ordem, mas que choca com uma mexida no gozo sinalizada pelas mulheres - o gozo masculino não é mais aceitável sob forma dominadora, ou como silêncio imposto” (Laurent, 2018, transcrição de vídeo).

Em 2020, o tema do XXII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano foi a queda do falocentrismo. Há algum tempo, a discussão acerca da não eficácia simbólica do Nome-do-pai nos tempos atuais tem sido alvo de grande discussão no campo psicanalítico. Os efeitos desse cenário nos sujeitos e para o laço social nos coloca a trabalho.

No primeiro momento, a noção de real, em Lacan, estava articulada com o simbólico. Assim, o Nome-do-pai e seu correlato, o falo simbólico, eram a chave para o ordenamento da libido. Lacan nos apresenta esse movimento subjetivo, realizado pelos sujeitos neuróticos, como metáfora paterna. Se, em um primeiro momento, o que há para a criança é a relação com a mãe (S1), é a partir do momento em que a mãe deseja algo para além da criança e se dirige para isso que é possível, para a criança, perceber que há algo que a mãe deseja para além dela.

Nesse sentido, Generoso (2018) ressalta que ao vazio deixado pela mãe é possível dar um Nome. Esse algo desejado pela mãe, opera como um S2 em relação ao S1 – que é o desejo materno pela criança – metaforizando-o e colocando em jogo a significação fálica. Esse Nome, S2, passa a colocar limites ao gozo materno, o que transmite para a criança a divisão da mãe e, por consequência, a divisão da própria criança. Uma lei é então imposta na relação, um significante fundamental que barra a

mãe e que regula a relação entre a mãe e a criança, inserindo um terceiro elemento: o Nome-do-pai, que passa a ordenar o campo simbólico da criança.

É fundamental destacar que, uma vez introduzido o pai como metáfora, torna-se possível, posteriormente, pluralizar os “Nomes-do-pai”. Assim, o pai enquanto semblante pode ter seu lugar ocupado por aquilo que cause o desejo materno e não unicamente pelo pai do casal parental.

Paralelamente à emergência do discurso capitalista e à tecnociência, essa lei simbólica capaz de ordenar as relações foi sendo escamoteada. Generoso (2018) se valerá de Miller para dizer que temos a ascensão do objeto *a* e a queda da função paterna no ordenamento social e, conseqüentemente, uma deficiência do gozo fálico ordenando as relações. Em termos psicanalíticos, temos que o Nome-do-pai era uma bússola para os sujeitos neuróticos, universalizava os modos de gozo, uma vez que recobria com um véu simbólico as singularidades, ao mesmo tempo que as inibia.

Como uma das conseqüências da queda dos ideais e da flexibilização do significante que orientava os sujeitos e as relações, podemos apontar a devastação que se generaliza, desbussolando os sujeitos. Estes passam a contar menos com o Nome-do-Pai e com o falo na tentativa de dar um sentido ao real. O Nome-do-Pai deixa, então, de ser um operador eficaz como ponto de basta para o gozo e os sujeitos se veem na tarefa de encontrar novos significantes que façam a função subjetiva desse.

Podemos verificar, no caso de Maria Laura, um excesso materno tanto na fala da analisante quanto nas impressões do psicanalista, que percebe uma hiper presença da mãe – seja ao apresentar as demandas médicas em relação à filha, ao expor as queixas ou mesmo ao tentar assumir as condutas clínicas. Do lado de Maria Laura, temos também as demandas excessivas pelas especialidades médicas e das atividades extraclasse. Um gozo sem limites que, frente ao encontro com o analista, começa a encontrar uma borda, uma demanda pela maior presença paterna frente a esse excesso.

Laurent (2018) dirá que, mesmo sendo estruturadas pelo quadro da sexualização, as fronteiras do gozo são interrogadas de um modo que não cabe mais na ordem fálica. Não é mais a partir do lado esquerdo, do gozo masculino, que se interroga o gozo, mas prioritariamente do lado direito, feminino, onde as questões da falta de

limite são colocadas¹¹. O ponto de basta, dado pelo falo, passa a ser questionado por uma perspectiva ilimitada.

Uma vez que o significante fálico já não organiza a libido como antes, abre-se, a partir disso, para um ilimitado de gozo, para a realização mais direta dos gozos, sem os véus do semblante. Temos aqui o cenário que Miller e Laurent, no curso “O Outro que não existe e seus comitês de ética”, denominaram de feminização do mundo, paradigma de nossa época que caracteriza a eclosão da feminização. Gabriela Camaly (2020, p. 2) afirma que “trata-se do empuxo pulsional articulado ao ilimitado do gozo que na época atual se apresenta sob formas diversas”. A autora lembra, ainda, que tal gozo, “por não ter medida, exige cada vez o próprio sacrifício das condições da vida e alcança cada vez mais as formas do insuportável” (Camaly, 2020, p. 1).

Há uma consonância entre o gozo sem limites que caracteriza a época atual e o gozo suplementar feminino. A mulher “se define por uma posição com o não-todo no que se refere ao gozo fálico” (Lacan, 1985, p.15)¹², apresentando um gozo suplementar, para Lacan, impossível de localizar e não contabilizável.

Gozo tal que indica que há algo a mais, estando conectado ao gozo do corpo, o qual se experimenta e do qual não se sabe nada, pautando-se pelo sem sentido. Gozo sem limites, sustentado pela iteração de uma satisfação superegóica que se multiplica por não estar circunscrita, recusando o vazio estrutural que define a subjetividade devido à inexistência do gozo universal (Generoso, 2018, p. 3).

Assim, se antes o Nome-do-pai era central na organização do gozo e o não-todo ocupava um lugar secundário nessa cena, temos hoje uma inversão, com uma feminização do mundo.

No que se refere à centralidade do gozo feminino em nossos tempos, cada vez mais os sujeitos se veem com a tarefa subjetiva de inventar um novo arranjo capaz de promover um ponto de basta para esse gozo sem bordas, desprendido do simbólico. Isso porque o que observamos surgir, a partir dessa não invenção, são sintomas que demonstram o ilimitado desse gozo e a conseqüente fragilização dos laços sociais – como as diversas adições e estados depressivos.

É importante destacar que Camaly (2020) defende a “lógica feminina não toda” como avesso à feminização do mundo. A primeira, se tratando de “ir mais além da

¹¹ A seção 5 desta dissertação é dedicada a explorar as questões relativas à sexuação.

¹² Texto originalmente publicado em 1972-73.

crença na existência de “A” mulher, no todo do gênero feminino, dando lugar à singularidade do ‘uma a uma’” (Camaly, 2020, p. 5) – movimento este muito recusado pelos neuróticos, como ela aponta –; enquanto a feminização do mundo diz respeito a “um modo de nomear o empuxo ao ilimitado de nossa época” (Camaly, 2020, p. 5).

Já Paola Salinas (2021) afirma que “aproximar o indizível, o ilimitado e o Queer, nada mais é do que destacar a lógica do não-todo na estruturação da subjetividade e sua presença na civilização” (Salinas, 2021, p. 40). Para ela, para se falar em queda do Nome-do-pai e feminização do mundo – incluindo o risco de um ilimitado que leve à errância ou a uma tirania – é preciso considerar a possibilidade de inscrição de algo do singular dos sujeitos, permitindo incluir aí algo que sempre fica de fora. Segundo a autora, “o gozo é sempre Outro e cabe a cada um inventar a relação possível com ele e ‘construir sua própria definição de gênero’ (Salinas, 2021, p. 41).

Podemos pensar que tal abertura à diversidade de formas de gozo vem sendo apontada pela comunidade transgênero, que busca nomear as formas de gozo, não mais universalizadas ou repartidas de forma binária pelo Nome-do-pai. Nesse sentido, Fabián Fajnwaks (2022) aponta que gozo mesmo é *queer*, pois não se deixa reduzir a nenhuma norma, ou significantização.

Fajnwaks (2022) defende também que o surgimento do *queer* seria um retorno a insultos proferidos contra pessoas que não seguem a norma heterossexual do gozo, se trata de um nome dado a parte de gozo que não se deixa domesticar pelos significantes mestres tradicionais, utilizados para nomear a sexualidade. *Queer* é sobre não se situar sobre a norma e fazer um esforço de nomeação para cavar um lugar no simbólico.

É possível pensar em como no caso de Maria Laura, esse ilimitado do gozo se desdobrou em sintomas de excesso de especialidades médicas, atividades extraclasse e mal-estar com seu corpo.

4 ADOLESCÊNCIA TRANS E FAMÍLIA

Nesta seção será discutido o caso de Ana, adolescente trans de 14 anos, atendida no “Ambulatório Janela da Escuta”. Seu caso permite refletir sobre os efeitos das relações familiares na constituição subjetiva e na experiência de transição de gênero. A seguir, apresento a vinheta clínica.

Ana foi encaminhada pela escola, no início de 2022, para atendimento psicológico, quando, no ato da matrícula, ela solicitou o uso do nome social. Ela foi atendida por uma analista lacaniana no “Ambulatório Janela da Escuta”. Este caso será publicado no segundo livro Janela da Escuta, que está em elaboração.

Tímida, um pouco acanhada, Ana iniciou seu relato afirmando: “*eu sempre quis ser menina*”. É uma adolescente de 14 anos, que mora com os pais e um irmão mais velho mora em um barracão nos fundos de uma casa. O irmão é psicólogo, mas não conversa muito com ela e, quando ela tentou abordar com ele a questão de gênero, ele pontuou que: “*já que é isso que você quer ser, terá que arcar com as consequências*”.

A mãe tem medo de que ela sofra com tudo que poderá ouvir. Ana não recua diante dessas falas e diz: “*a vida é minha, não vou me arrepender, nunca fui aquilo que o médico me denominou*”. Sabe que quer começar a transição, mas sabe também que irá demorar um pouco – antes quer arrumar os dentes, tratar das espinhas, e melhorar sua autoconfiança.

Na infância, ela sempre brincou com as primas, tendo, como melhor amiga, uma prima da sua idade. Quando estavam juntas, suas primas emprestavam suas roupas, “*eu pedia para fechar a porta, me achava linda, na passarela, gostava de passar batom moranguinho*”. Ela conta de um dia em que colocou um pano na cabeça, um vestido e falou: “*estou igual a você*” (se referindo à prima, que é sua melhor amiga). Fazia suas *performances* escondidas da mãe, pois não saberia o que poderia lhe acontecer, caso ela descobrisse. Durante muito tempo, ela achou que era gay. Por volta dos 10, 12 anos começou a amadurecer e não queria o seu corpo.

Em setembro de 2022, Ana iniciou o tratamento hormonal, passando a falar muito do corpo. Sempre achou seus ombros largos e os braços compridos. Percebeu que estava engordando um pouco e que apareciam estrias. As amigas e primas diziam que seu rosto tinha ficado mais feminino, mas ela não achava, ficava olhando e não via nada de menina. Ficava incomodada com seu órgão genital – que sua mãe

nomeava de “polaco”, “polacão” e que, sempre que tinha oportunidade, dizia: *“você tem um ‘polaco’ aí no meio das pernas”*.

A mãe acompanhou todo o processo, mas não aceitava. O pai quase não conversava e Ana evitava ficar perto dele. Em alguns momentos, os pais se referiam a ela com os pronomes femininos e em outros no masculino, o que a incomodava, mas dizia que era assim mesmo.

Nas escolas, a transição era aceita – tanto na que a encaminhou quanto na qual ela estava estudando naquele momento. Tinha amigos, amigas, conseguia acompanhar as disciplinas, às vezes sentia-se atraída por algum menino, mas ainda não queria pensar nisso.

Nos últimos atendimentos falava mais do irmão: *“não quero ser igual ao meu irmão, quero ser uma mulher independente”*. O analista procurou saber um pouco mais sobre a diferença de idade entre eles – o irmão tem 35 e ela tem 15 anos –, e então, ela disse: *“não sei se minha mãe te contou, ou se eu já te falei, mas sou adotada”*. Aos 10 anos, Ana soube que foi adotada quando tinha 2 anos de idade. Sua mãe queria uma menina, mas a assistente social lhe disse: *“não tem menina, tem um menino, serve?”*. Desde que soube da história, Ana não quis saber mais detalhes e nunca mais tocou no assunto.

A tia contou uma história sobre o irmão ter agarrado outra tia e quando escutou isso, Ana pensou: *“estou com um abusador em casa?”*. Disse que sempre ficou incomodada com a presença do irmão perto dela.

A mãe fazia tudo para o irmão: passava, lavava, fazia comida e nunca falava qualquer coisa sobre ele. A mãe também obrigava Ana a trabalhar o tempo todo, e dizia que: *“quando você fizer 18 anos vai sair dessa casa”*. A adolescente relatou:

“quando minha mãe está nervosa por qualquer motivo, se eu deixo de lavar uma vasilha ela me chama no masculino, toda hora ela me chama no masculino. Será que comigo é assim porque sou adotada? Fiz essa pergunta para ela, que respondeu que sou a única pessoa trans que conhece, que é diferente. Mas na verdade ela sempre brigou comigo, ela sempre me prendeu”.

A mãe falava que Ana envergonha o pai, e repetia com frequência: *“você não tem amigo porque você é trans, você parece um traveção, você está igual um travesti”*.

Ana falou a respeito do silêncio do pai, o abuso do irmão e, sobretudo, do lugar de dejetos que a mãe a colocava – designando o fim dessa adoção aos 18 anos, como se Ana estivesse em um abrigo.

Parece haver a construção de um véu, de algo belo: menos espinhas, dentes alinhados, as roupas e o batom da prima. Talvez a transição encarne a busca por um corpo que possa lhe servir.

O caso de Ana me convidou a retomar questões fundamentais da psicanálise, como a constituição do eu, o Outro, o papel das funções parentais e o desejo na clínica. Para abordar essas questões, vou me valer de três eixos teóricos principais: o estágio do espelho, a leitura contemporânea de Nieves Soria sobre o espelho trans, e as funções materna e paterna na constituição subjetiva, seguindo Lacan.

Um momento fundamental da formação da subjetividade, para a psicanálise lacaniana, é o estágio do espelho, visto que é nesse momento em que se dá a unificação do corpo do sujeito. Nessa experiência inaugural, o infans, ainda sem domínio motor e com vivência fragmentada do próprio corpo, reconhece-se pela primeira vez em uma imagem unificada. Como nos diz Lacan (1986)¹³, trata-se de uma operação fundante para o surgimento do eu, uma alienação necessária a uma imagem externa, tomada do Outro.

Se valendo da óptica, Lacan associou fenômenos reais com o engajamento subjetivo, como acontece na experiência de um arco-íris, por exemplo. Ele utilizou esse artifício óptico para demonstrar seu pensamento acerca da constituição do sujeito.

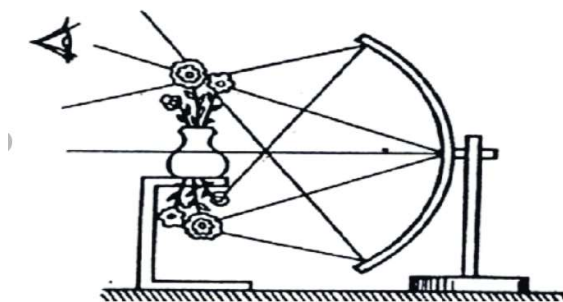
Com o experimento do buquê de flores invertido, o autor demonstra como um espelho côncavo é capaz de produzir uma imagem real: o buquê de flores que estava escondido aparece, por meio de uma imagem real, dentro do vaso. Assim, Lacan realiza a analogia entre o domínio imaginário do corpo – que acontece quando o bebê vê um corpo humano em sua totalidade – e o nascimento do eu. Nesse caso, o corpo e seus orifícios são como o vaso imaginário e o buquê de flores, que se encontra dentro dele, as pulsões, reais. Devido a prematuridade neurofisiológica da criança, ela fantasia um corpo fragmentado, que se antecipará em uma unidade a partir da imagem de um corpo humano.

Lacan salienta a importância da posição do olhar no experimento, pois essa posição possibilitará, ou não, que se veja a imagem, sendo que é apenas quando se vê que se pode falar sobre ela. No experimento em questão, quanto mais distante

¹³ Texto originalmente publicado em 1953-54.

estiver quem olha, mais nítida a imagem real ficará: a posição do sujeito que olha influencia, portanto, a realidade em questão.

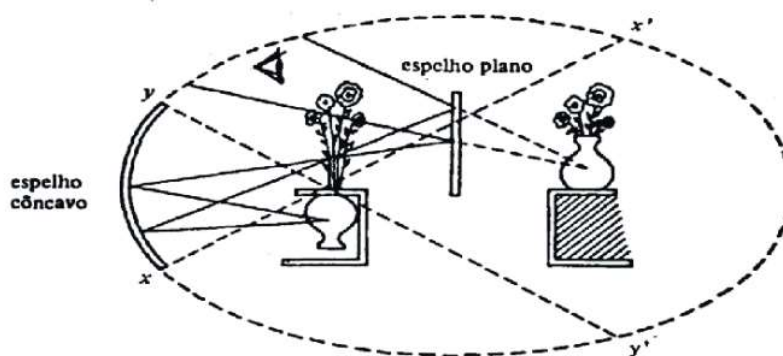
Figura 4 - O experimento do buquê invertido



Fonte: Lacan (1986, p. 94).

Para que uma pessoa que esteja próxima ao experimento possa ver nitidamente, é necessário que ela se coloque entre o espelho côncavo e o experimento e que adicione um espelho plano do outro lado do experimento. No ponto simétrico ao da imagem real aparecerá uma imagem virtual.

Figura 5 - Esquema de dois espelhos



Fonte: Lacan (1986, p.147).

É no processo de identificação ao outro, que ratifica a imagem do bebê no espelho plano, que o sujeito pode estabelecer sua relação com o mundo e com a sua libido. “Está aí o que lhe permite ver no seu lugar, e estruturar, em função desse lugar e do seu mundo, seu ser” (Lacan, 1986, p.148). Temos a alienação fundamental do

sujeito em relação ao Outro e à sua imagem refletida. A identificação a esse outro e suas palavras ajudarão a organizar o que a imagem representa.

Ana pouco traz para as sessões sobre os anos iniciais de sua vida, mas podemos verificar, na cena da mãe com a assistente social – em que a profissional indaga, “*não tem menina, serve menino?*” – bem como nos relatos de Ana a respeito da relação com sua mãe durante sua adolescência, impactos do seu sexo no modo como Ana foi vista, falada e desejada.

A partir da teoria lacaniana da imagem especular e da sua mediação pelo olhar do Outro, a leitura de Soria (2021) permite ampliar a discussão, ao articular o espelho à sexuação e ao corpo trans. Em “*La sexuación en cuestión*”, a autora busca articular o real com a estruturação subjetiva no momento do estágio do espelho.

De real, temos o corpo do sujeito, que é refletido no espelho. E, mesmo que não haja caracteres sexuais secundários, ali já se coloca em jogo algo da sexuação com o falo, sua presença no corpo ou sua elisão. Temos também o olhar do Outro como real e fundamental para o estabelecimento da imagem especular.

Soria (2021) considera que, no esquema óptico de Lacan, ao recorrer ao olhar da mãe para se assegurar do valor da sua imagem, o bebê está assumindo um valor fálico para ela. E qual a operação realizada pelo falo nesse momento? De acordo com a autora, “o falo tem tanto a ver com o sentimento de vida como com a materialidade do corpo, é o que dá peso de real ao corpo” (Soria, 2021, p. 208). Assim, o falo também é o real em questão no esquema óptico, ele opera no desejo da mãe e no corpo do bebê.

O que a autora propõe é que tomemos o espelho côncavo do estágio do espelho como o olhar materno, o desejo da mãe, no qual está em jogo a imagem especular, bem como as pulsões de autoconservação. Já o espelho plano pode ser tomado como o Nome-do-pai, que coloca em questão o semelhante e a função sexual.

O que se impõe para o sujeito, no espelho côncavo, é o olhar da mãe introduzindo-o no mundo como um falo positivado, na melhor das hipóteses. No espelho plano, o que se coloca é a experiência do falo como caída, a experiência da castração. Soria (2021) assinala a centralidade desse momento, pois, “é só a partir da queda do objeto que se torna possível assumir uma posição sexuada no simbólico; até então, só é possível a assunção de uma imagem sexual” (Soria, 2021, p. 212). Vemos, então, que a autora propõe o espelho côncavo como possibilitando a assunção do gênero e o espelho plano a assunção do sexo.

Nesse esquema, o olhar paterno metaforiza o olhar materno: este situa o sujeito no lugar do Ideal, aquele, media o Ideal e o real do corpo.

Ao avançar na sua construção teórica, Soria (2021) irá propor algumas elaborações acerca do que ela denomina espelho trans. A teórica destaca que o sujeito reconhece, se identifica com o seu corpo e há uma operação de unificação, contudo, há um rechaço do corpo que o tocou em uma contingência. A autora situa esse rechaço em uma insondável decisão do ser. O sujeito percebe o seu corpo no espelho como equivocado, no lugar de um júbilo, o que acontece é um rechaço da própria imagem. Esse rechaço provoca uma experiência depressiva no sujeito. Ela sinaliza que o olhar materno também deve ser considerado, há um olhar que devolve ao sujeito a experiência de identificação com o objeto dejetado rechaçado, indiferença pela insatisfação com o sexo da criança ou máxima satisfação?

O caso de Ana, apresentado no início desta seção, coloca em questão o rechaço de seu corpo, bem como o olhar materno que recai sobre a paciente. A questão da adoção, da qual ela não fala muito, coloca a questão: não tem menina, como a mãe queria, serve menino? Um corpo masculino pareceu não lhe servir, o que é constantemente ratificado pela mãe, que sempre a colocou em um lugar de exceção para o pior, como pudemos ver em falas ditas pela mãe e levadas por Ana para as sessões, tais como: *“você tem um polaco aí no meio das pernas”*; *“quando você fizer 18 anos vai sair dessa casa”*; ou ainda *“você não tem amigo porque você é trans, você parece um traveção, você está igual um travesti”*.

Em análise, a paciente pôde ir elaborando acerca do seu percurso de vida, bem como dar lugar para a construção de um outro corpo possível, que melhor lhe servisse. É possível verificar que a identificação de Ana com a prima, suas roupas, seus batons — *“me achava linda, na passarela”* — pode ser compreendida como um momento privilegiado, que contrasta com o corpo não desejado. Podemos pensar que o corpo da prima, que também é melhor amiga, funciona como um suporte para o corpo de Ana, bem como pensar que essa prima realiza certa suplência ao desejo e olhar materno. Ana diz para a prima *“estou igual a você”*, é com ela que pode brincar de se ver mulher, e perceber o júbilo em relação a ela e a sua imagem. Assim, a imagem do corpo desejado se constitui na busca de ressignificar o que no real do corpo foi vivido como dejetado.

Soria (2021) também irá fazer uma distinção importante entre o rechaço do sexo ou do corpo como um todo, que pode vir a se unificar sem falicizar-se. Aponta

que, no primeiro caso, a troca de sexo pode resolver uma dimensão desse rechaço, mas não a parte que excede à imagem.

No texto “Notas sobre a criança” Lacan (2003)¹⁴ afirma que a função da família conjugal é mantida, mesmo que de maneira residual, a partir das experiências das sociedades comunitárias, e isto destaca a “irreducibilidade de uma transmissão” que é feita na organização familiar. Ainda de acordo com Lacan, nesta transmissão está em jogo a “constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo” (Lacan, 2003, p. 369), se referindo aqui, ao desejo transmitido pela mãe à criança. A função materna, para Lacan, traz a marca de um interesse particularizado em relação à criança. Já a função paterna é o “vetor de uma encarnação da Lei no desejo” (Lacan, 2003, p. 369). Importante destacar aqui que, para a psicanálise lacaniana, mãe e pai são funções, que posteriormente na obra de Lacan serão complexificadas tratando-se do Outro primordial e dos Nomes-do-pai, não se tratando, portanto, de mãe e pai biológicos.

Ainda em “Notas sobre a criança” o psicanalista diz que o sintoma da criança será responsável pela verdade do casal familiar ou irá decorrer da subjetividade da mãe, quando a criança é colocada no lugar de objeto *a* da fantasia da mãe, revelando este objeto e obturando a falta da mãe. Nesta última situação, não temos a função paterna mediando o desejo da mãe e a criança se vê capturada nesta fantasia materna.

A construção de Lacan neste texto nos permite pensar no caso de Ana, quando ela traz que sua mãe queria adotar uma menina, e que a assistente social lhe disse que não tinha menina e pergunta se servia menino. Matiassi (2025), ao relatar o caso, diz que a mãe nomeia o pedaço de carne que aceitou como resto de “polacão”, algo que marca o corpo de Ana como diferente, fora da norma, o que nos aponta algo importante a respeito do desejo dessa mãe em relação à criança adotada.

No caso de Ana, também aparece o silêncio do pai, sua ausência diante das nomeações e tratamentos dados pela mãe à Ana. O pai da adolescente não encarna a Lei, apoiando-se nela para marcar proibições, nem tampouco deseja, guia, conduz. Ele não mostra como se pode viver servindo-se da lei, como nos diz Laurent (2018). A função paterna parece, então, comprometida, o que nos sugere que Ana pode ter ficado muito capturada na fantasia materna. O processo de análise parece ter, para

¹⁴ Texto originalmente publicado em 1969.

Ana, a função de construção de um véu, como nos fala Matiassi (2025), um véu que possibilita a Ana se distanciar do lugar de resto, dado pela mãe, e construir algo mais belo para si.

A análise de Ana nos permite escutar, na clínica com adolescentes trans, os efeitos da relação com o Outro na constituição da imagem do eu, e os modos pelos quais o sujeito busca fazer um corpo possível para si. A análise se deu não pela fixação em uma identidade de gênero, mas por um percurso que permitiu suportar o real do corpo, com as marcas deixadas no processo de se fazer um corpo, bem como inscrevê-lo em uma narrativa própria, menos marcada pelo rechaço e mais próxima do desejo.

5 TUDO GIRA EM TORNO DA TRANSIÇÃO AOS EVENTOS SATÉLITES

Após discutirmos, ao longo deste trabalho, alguns impasses contemporâneos da clínica com adolescentes trans, nesta seção tomaremos o caso de Sofia para extrair algumas lições clínicas sobre a invenção singular em análise, especialmente, no contexto da adolescência e da transição de gênero. Um fragmento deste caso foi apresentado por Cristiane Cunha no XI ENAPOL¹⁵, “Começar a se analisar”, onde puderam trabalhar a partir do relato da analista, que se encontra publicado na íntegra na página do evento.

“*Tudo gira em torno da transição*”. Esta é a primeira frase de Sofia, uma adolescente de 13 anos que, depois de narrar seu processo de transição, ensaiado durante a pandemia, disse que falaria de *eventos satélites*, como o ódio, que às vezes irrompe no corpo do nada, opaco, sem sentido. Um ódio que a leva a se morder no braço, e se cortar para não ferir o outro. Quando, mais tarde, começa o bloqueio puberal, ela se pergunta se este poderá atenuar o *fogo da adolescência*, mescla de ódio e libido.

A mãe de Sofia a encaminhou para uma clínica especializada em pessoas trans com o diagnóstico de disforia de gênero. Quando a adolescente chegou ali e a perguntaram sobre seu nome social, ainda não tinha uma resposta formulada. Já havia pensado no nome Sofia, seja para uma filha ou para ela mesma, no futuro.

Existe, neste caso, uma resistência da singularidade, dos *eventos satélites*, frente ao *tudo gira em torno da transição*.

Os eventos secundários são, para esse sujeito, um nome para o mal-estar, para o sofrimento inerente ao ser falante, parasitado pela linguagem, destinado a construir uma imagem de um corpo que sempre escapa, enfrentando o sexual e a morte de maneira ainda mais intensa na puberdade.

Sofia, em sua análise, fala de sua infância, da construção de fantasias, de personagens, vestindo as roupas de sua mãe. A puberdade que irrompe durante a pandemia gera nela o temor de “*ser alta e que sua voz mude*”.

Sofia se refere a si mesma utilizando o pronome masculino e se desculpa por isso. A analista questiona esta desculpa e a adolescente ri, dizendo que se confunde

¹⁵ ENAPOL – Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana

ao se referir a si mesma como um menino quando fala com seu pai (que a preferia morta), e como uma menina quando fala com outras pessoas.

Posteriormente, Sofia aborda um tema que a interessa: os *serial killers*, e reflete sobre a diferença sexual neste contexto, concluindo que o feminino tem uma maior afinidade com um sofrimento desregulado, que se afasta da morte para prolongar o gozo.

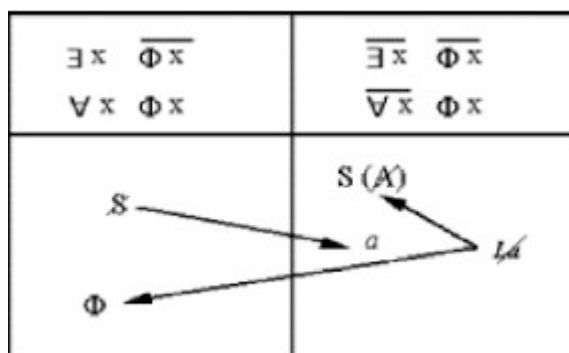
Sofia, quando a puberdade a invadiu, temeu a alteração de sua voz. Uma voz que aterroriza a mãe, como sinal que revelaria a identidade de *pequeno travesti* de seu filho. E se define a si mesma como *afrontosa*, como alguém que pode argumentar e fazer suas questões subjetivas em um debate contemporâneo sobre gênero. O significante *afrontosa* enoda algo do gozo desregulado com a alteridade da voz.

Sofia pôde, no seu caminho analítico, no qual não é tudo que gira em torno da transição, não coincidir de todo com este debate. Como aponta Miller (2022), o que se denomina gênero, para a psicanálise, é uma posição subjetiva.

Como temos visto neste trabalho, a adolescência é o momento em que o sujeito precisa lidar com diversos impasses que lhe são (re)colocados. O real do gozo sexual é um desses impasses sobre o qual Sofia, inicialmente, formula uma questão: será possível atenuar o fogo da adolescência? Para ela, esse fogo é uma mescla de ódio e libido.

Nieves (2021), ao abordar a tábua da sexuação de Lacan (figura 6), se vale de Copjec (2006) para iniciar sua incursão, apontando que o lado direito e o lado esquerdo da tábua são duas formas diferentes de falhar a relação sexual – o lado masculino pela incompletude, e o lado feminino pela inconsistência.

Figura 6 - Tábua da sexuação



Fonte: Lacan (1986, p. 84).

Para denotar essas duas modalidades de gozo, Lacan usou os quantificadores presentes na parte superior da tábua. Do lado esquerdo, temos um gozo limitado pela suspensão da função fálica. Na primeira linha, à esquerda, lemos que existe um homem para quem a função fálica não funciona e, na segunda linha, todos os outros homens estão submetidos à função fálica. Já do lado direito, na primeira linha temos que não existe uma mulher que não esteja submetida à castração e, na segunda linha, a mulher está não-toda submetida à castração. Na parte superior da tábua, entre o lado direito e esquerdo, podemos pensar que há o “muro da castração” (Lejbowicz, 2022, p. 75).

O gozo fálico, registrado na primeira coluna da tábua da sexuação, se refere ao gozo limitado pela castração, já que o conjunto dos homens se funda pela exceção do pai primitivo à regra da castração, uma vez que este podia gozar de todas as mulheres, como presente no mito de Totem e Tabu. Nieves (2021) acentua que esse gozo tem como referente corporal a detumescência do órgão, que coloca um limite a sua ereção. Destaca também que é um gozo que tem suporte no fantasma, que aborda a feminilidade pelo objeto a e a pulsão ($\$ \langle a \rangle$). Lacan o qualifica de fetichista, perverso polimorfo e idiota.

Na segunda coluna da Tábua, temos o gozo feminino, gozo esse que uma parte provém do gozo fálico, masculino, (Φ) e outra parte provém do gozo que se dirige ao Outro barrado $S(\bar{A})$, do êxtase de ser levada fora de si. Importante destacar aqui que não há complementaridade entre gozo fálico e gozo feminino, o gozo feminino se trata de outra forma de gozo, suplementar ao gozo fálico. Assim, diante da impossibilidade de marcar todo o seu ser de mulher com o significante fálico, uma mulher busca nomear o seu ser não pela via do objeto a , mas indo em direção a via do amor - um suplemento que vem responder a essa falta simbólica.

O gozo feminino diz respeito a um gozo que não possui, como o gozo fálico, uma exceção que instaura o universal, que venha caracterizá-lo, pois não existe nenhuma mulher que não esteja submetida à castração e que funde o universal das mulheres. Por isso Lacan formula que \bar{A} mulher não existe e que elas devem ser contadas uma a uma, pois trata-se sempre de uma invenção singular, a qual não há palavras que defina.

O gozo feminino está além do gozo fálico, sendo uma espécie de algo a mais. Diz respeito a um gozo aberto – que está mais em relação com a continuidade do que com os elementos discretos da lógica fálica – , sem nomeação possível, inconsistente,

que toca diretamente o corpo, mas não está situado em nenhum órgão. Um gozo relacionado com as palavras de amor e seu arrebatamento.

Fundamental ter em consideração que homens e mulheres, biologicamente falando, podem circular por ambos os modos de gozo, não sendo exclusividade dos homens o gozo fálico e nem das mulheres o gozo feminino – os seres se distribuem nessas duas categorias independente de sua anatomia. Porém, vemos que cada sujeito goza de uma maneira específica, principalmente tendo em vista que o gozo feminino convoca para uma invenção. Matiassi e Ribeiro (2022), se valendo de Santiago (2018), apontam que “o real do gozo pulsional só será verificado por meio dos semblantes que são os instrumentos da psicanálise orientada por Lacan (1958/1998): o falo, o objeto (a) e os Nomes-do-pai” (Matiassi e Ribeiro, 2022, p. 338).

Importante destacar que não há complementaridade entre o gozo feminino e masculino, ou seja, não há proporção entre essas duas formas de gozo, a forma como cada metade se relaciona ao sexo é distinta. Em última instância, Lacan formula a não existência da relação sexual. Ele elabora a metáfora paterna como um mediador que orientaria o enxame de significantes na direção do Nome-do-pai, um semblante que possibilita uma orientação da experiência sexuada. Por meio dessa orientação seria possível, de forma sempre mais ou menos fracassada, o encontro entre os sexos.

Contudo, com o declínio do Nome-do-pai e a presença da tecnociência, o que temos é “a disjunção entre sexo e gênero, no qual o gênero suplantou o sexo” (Brousse, 2019). Vemos a separação entre sexualidade e procriação, a sexuação liberada da égide paterna, o Nome-do-Pai já não sendo mais necessário para orientar a procriação. Nieves (2021) postula essa transformação como libertadora, mas também sinaliza as problematizações que daí advém. Sujeitos com efeitos de desrealização da sexuação: por um lado, aqueles que sofrem de uma falta de ancoragem na posição sexuada, de outro, sujeitos entrincheirados em uma identidade de gênero que opera como uma ordem de ferro imaginária.

Es el reino de la inexistencia de la excepción, que se manifiesta o bien como una pura multiplicidad metonímica, o bien a través de la reacción de reinstauración de uno puramente imaginario, que da lugar a discursos fundamentalistas (Nieves, 2021, p.448).

Diante desse contexto, o real se faz presente no sofrimento que fornece a cada sujeito sua posição em relação às fórmulas quânticas da sexuação. Sofia, ao fazer

um percurso analítico e localizar a mescla de ódio e libido como esse gozo aberto que a tomava de mal-estar, sinaliza sua posição de gozo, um gozo feminino, sem bordas, que a invade.

Se, inicialmente, Lacan contrapõe a perspectiva da sexualidade em termos biológicos para abordá-la a partir da linguagem e do sujeito, com o desenvolvimento de seu ensino, ele irá tratar da diferença sexual nos termos do gozo, quando se dá a passagem do sujeito para o falasser.

A diferença cessa de ser organizada pela ordem binária e cede lugar a uma oposição não binária entre o Todo, incluindo todos os seres falantes de qualquer gênero que sejam, e o não-todo, que precisamente não permite mais à diferença binária consistir (Brousse, 2019).

No livro “La diferencia sexual no existe en lo inconsciente” Miquel Bassols (2021) sinaliza que não há nada no inconsciente ou nas suas formações – como sonhos, sintomas ou delírios – que aponte que haja, ali, a inscrição da diferença sexual entre o homem e a mulher. No Lacan estruturalista, temos que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ou seja, a partir da diferença entre os seus elementos. Vemos, nesse momento de sua obra, o binarismo significante. Contudo, Lacan avança afirmando que não há relação sexual. Para Bassols (2021) “no hay nada en el ser humano que asegure la existencia de una diferencia entre los sexos para establecer después una relación, normativa o no, entre ellos” (Bassols, 2021, p. 25).

A questão, para Bassols (2021), é que quando se trata do íntimo da sexualidade e do modo de gozar, não é possível que a jaula do binarismo significante se arme. No deserto do gozo, segundo o autor, não há bússola que oriente. Para ele, o ser humano é trans, está sempre transitando de um lugar a outro e só se define pela diferença radical de um em relação ao outro.

O mesmo psicanalista afirma que, se tratando da sexualidade, não é possível estabelecer identidades normativas a partir da diferença entre significantes e abordar o gozo do corpo a partir daí.

La lógica binaria del significante explica [...] el baile de máscaras, pero no puede decir nada de la música, y de la partitura que anima el baile. [...] Cuando se trata del goce, y especialmente del goce sexual, entramos en el campo de lo Uno... sin Otro. Cada uno con sus fantasmas y sus síntomas, y cada uno sin saber la partitura que los cifra (Bassols, 2021. p 30).

O que Lacan irá elaborar no percurso de seu ensino, sendo orientador para a psicanálise, é que, tendo em vista o gozo fálico e não-todo fálico, em termos de sexuação, podemos falar nessas duas formas de gozo. Ou seja, a relação entre os sexos fica sujeita a uma única função, a função fálica. Contudo, com o declínio da norma fálica e com a feminização do mundo, vemos que os semblantes de tipos ideais de ser homem ou mulher dão cada vez mais lugar a invenções de gênero não-todo fálicos.

Cristina Drummond (2022) nos coloca que, se o sexual é o que no corpo vivo não se deixa negatizar, e que cria um furo no simbólico – um furo no saber – , teremos, subjetivamente, marcas que se registrarão como enigma – fundamentalmente enigma do sexual. Temos então uma formulação da relação entre sexuação e a marca de gozo: “a maneira traumática como cada um teve a experiência de ter seu corpo tocado pela palavra será retomada em seu processo de sexuação, a partir de um novo encontro traumático com o real do sexual” (Drummond, 2022). Ou seja, o encontro com o gozo sexual, se apoia sobre essa maneira singular pela qual cada ser falante foi tocado pela palavra. A posição sexuada, então, diz respeito a como o sujeito acolheu uma marca de gozo que não varia e que é retomada quando o real sexual se introduz de maneira traumática no encontro da criança com a realidade sexual.

A perspectiva da psicanálise é, para Drummond (2022), a de manter ligado o real do corpo com o falante, sem que haja qualquer norma para um bom arranjo, ou para um bom modo de responder aos impasses que cada um encontrará para lidar com as suas marcas. Ao falar, o que se faz em uma análise, é bordejar o impossível de dizer, e este se articula com a sexuação. Ao se fazer uma borda, esse furo do sexual pode deixar de ser um abismo. Como Sofia nos ensina na construção de seu caso – de um gozo sem bordas, que irrompe no momento de transformação corporal da puberdade –, foi possível encontrar uma amarração no significante “afrontosa”. Essa nomeação recolhe algo do excesso de gozo da voz, ao mesmo tempo em que reinscreve o imaginário do corpo em uma cena de debate, argumentação e enfrentamento.

Trata-se, no campo do gozo sexual, da alteridade radical do gozo feminino, no qual não existe um Outro da linguagem ao qual se opor. Na verdade, o Outro, nesse campo, é o próprio gozo do corpo, gozo autista, sem nenhum Outro ao qual se dirigir. O erro estaria em buscar compreender esse traumatismo singular do sexual no corpo

pela via da estrutura binária da linguagem. Contudo, é, de fato, difícil sair dessa lógica binária e chegar a formulação do sexo como uma diferença absoluta.

Sofia nos ensina o quanto a transição, como tema principal de sua vida, capturava aspectos seus, ponto este denominado por Cunha (2024) como uma resistência à sua singularidade. Quando se fala dos eventos satélites de sua vida – o ódio, a libido, o medo da mudança de voz –, torna-se possível construir algo que diga de sua diferença absoluta a partir do significante “afrontosa”. Essa nomeação possibilita que o indizível de seu gozo faça laço com o Outro, delimitando um modo singular de gozo. Aqui, os discursos identitários de gênero perdem sua força, abrindo espaço para que o singular do falasser possa entrar na cena discursiva de modo a enlaçá-lo no campo do Outro.

Bassols (2021) formula que o objeto que está em relação com esse gozo singular é o objeto *a*, aquele presente na fantasia do ser falante. A lógica desse objeto não segue o binarismo, a diferença relativa, ou qualquer norma. “Es un objeto que se presenta precisamente como translingüístico, transgénero, transidentitario, tráfuga del sentido” (Bassols, 2021, p. 42). Esse objeto é contingente, não é escolhido por sua natureza, qualquer que seja ela, de gênero ou sexual. Bassols afirma que o objeto *a* é *a-sexuado*.

Assim, a posição de gozo do falasser não é definida pelos caracteres secundários ou primários dele ou do parceiro, mas sim pela sua relação com um objeto *a-sexuado*.

Ao encontro dessa formulação teremos que heterossexual é aquele que ama a alteridade encarnada no feminino e homossexual “aquello que quiere hacer homogéneo este objeto a la propia imagen” (Bassols, 2021, p. 45). O objeto *a* é absolutamente hétero, sem homogeneidade possível.

Esse Um do gozo sexual, que não tem simetria, nem reciprocidade possível, provoca uma experiência na qual qualquer estética só se sustenta a partir da moral de uma época. Não há forma de gozar melhor ou pior. O gozo sexual é sempre Outro, uma irrupção no corpo, estranha ao corpo que se conhecia até então.

O que se testemunha com as experiências trans é um “continuum de singularidades” (Bassols, 2021, p. 55). E, portanto, o que denominamos trans “viene a significar posiciones sexuadas absolutamente dispares” (Bassols, 2021, p. 58). O trans, e suas formas de gozo, são uma objeção a norma sexual fálica, fundada na lógica binária.

Para Bassols (2021) a identidade sexual não existe, cada sujeito, singular que é, deve inventar, para além da identidade fálica, sua forma sinthomática de fazer com o real do gozo sexual. É o que Eric Laurent irá chamar de Unarismo do sexo: o gozo feminino, que está por detrás das identificações fálicas, e habita o corpo de cada um de maneira estritamente singular. O saber fazer com esse gozo é o que interessa à psicanálise.

O percurso analítico de Sofia demonstra que a clínica com adolescentes trans não se limita à questão da transição de gênero, mas à possibilidade de cada sujeito inventar sua própria relação com o real do gozo, nomeando-o e fazendo um bom uso dele, o que vai muito além do binarismo e das normas de gênero preestabelecidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira seção deste trabalho escrevi sobre a adolescência como um momento em que as coordenadas oferecidas pelos pais na infância já não orientam mais. Finalizo este mesmo trabalho apontando para o objeto *a* e o gozo singular, com o qual cada falasser precisará saber fazer. Temos, assim, um percurso realizado, nesta dissertação, em direção ao singular, às construções e invenções subjetivas que cada um precisa realizar no percurso de sua vida para lidar com sua história, seu contexto e seu gozo.

Verificamos, ao longo desta escrita, que esta trajetória é atravessada por diversos laços e discursos, não sendo, portanto, solitária, mas, inequivocamente, única. Jean Allouch (1999) conta em seu livro, uma anedota que diz que ao ser perguntado sobre porque Lacan mantinha seus pacientes durante tanto tempo em análise, ele respondia que era para ensiná-los a contar até três. Tendo em vista o percurso deste trabalho, podemos compartilhar da leitura de que contar até três se refere aos três tempos lógicos: instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir.

Como os casos aqui apresentados e discutidos nos demonstraram, é fundamental que esse itinerário de palavras seja realizado durante uma análise, para que algo possa ser visto, elaborado e o novo possa surgir. Vimos no caso L, como diversas elaborações foram feitas em relação ao desejo da paciente, suas identificações familiares e vivências em relação ao feminino, ocasionando uma nova posição subjetiva ao final do tratamento.

Algumas leituras também dizem que contar até três, nessa anedota, significa se haver com os três registros lacanianos: o imaginário, o simbólico e o real. O registro simbólico, com a linguagem e os discursos presentes antes e durante a vida do paciente, que orientam o sujeito, como vimos no caso de Maria Laura. O imaginário, que se origina no estágio do espelho, a partir da imagem do outro, faz consistir a imagem de si e os ideais, explicitado no caso Ana. Por fim, o registro do real, presente nas contingências, no que não é apreendido pelo simbólico, mas, principalmente, no real do gozo de cada falasser, como nos ensina o caso de Sofia. Saber fazer com esses três registros, estabilizando-os em uma amarração, é o que se pretende em uma análise. Durante todo o trabalho, vimos como esses registros estavam presentes

nos casos e a construção do caso da Sofia nos permitiu visualizar, com maior evidência, uma nova amarração desses registros por meio do significante “afrontosa”.

Ao longo das seções, se evidenciou como o analista é aquele que acolhe o corpo possível que o adolescente constrói, respeitando o seu tempo e seu ritmo. A importância de que, por meio da engrenagem da transferência e, portanto, de um novo amor possível, a análise de cada um seja um tratamento do real do gozo de cada falasser. O analista é aquele que acompanha seu paciente durante o percurso de inventar uma boa forma de fazer com esse real da diferença absoluta do próprio gozo sustentando essa trajetória, uma vez que a invenção dessa forma de fazer é um trabalho pessoal do analisante, não sendo possível terceirizar essa tarefa.

Este trabalho demonstra que o percurso subjetivo é atravessado por elementos singulares, que desafiam tanto o imaginário compartilhado socialmente quanto às representações simbólicas tradicionais. Cada falasser precisa inventar sua forma de se relacionar com seu gozo, inscrevendo sua singularidade em uma narrativa própria. A psicanálise, ao oferecer ferramentas para reconhecer e nomear essas experiências, abre espaço para a invenção.

Concluo, então, que o essencial a se aprender na clínica contemporânea com adolescentes trans é permitir que cada falasser, a partir de um itinerário de palavras, construa seu corpo possível e seu modo singular de gozar. É nesse encontro com a diferença absoluta de cada um que a análise cumpre seu papel: um espaço que possibilita a apreensão do indizível, um saber fazer com o gozo e que o singular encontre um lugar no laço social.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, J. **Alô, Lacan? É claro que não.** Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

BASSOLS, M. **La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente:** sobre un informe de Paul B. Preciado dirigido a los psicoanalistas. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2021.

BAYÓN, P. A. **O autismo, entre a língua e a letra.** Tradução Bartyra Ribeiro de Castro. Vitória: Ed. Cândida, 2024.

BRANDÃO, K. O que a teorização lacaniana dos discursos nos ensina sobre o laço contemporâneo? **Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, v. 3, n. 5, 2019.

BROUSSE, Marie Hélène. O buraco negro da diferença sexual. **CIEN Digital**, 17 nov. 2019. Disponível em: <https://ciendigital.com.br/index.php/2019/11/17/o-buraco-negro-da-diferenca-sexual/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

CAMALY, G. Novas anotações sobre a feminização do mundo e a posição feminina. **Boletim Infamiliar: Textos de Orientação do XXIII Encontro do Campo Freudiano**, 2020.

CARETTI, J. Por que o discurso capitalista diz respeito à psicanálise? *In: JORNADA DA EBP BAHIA*, 25., 2021, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Instituto de Psicanálise da Bahia, 2021. Disponível em: <https://ebpbahia.com.br/jornadas/2021/wp-content/uploads/2021/08/Por-que-o-discurso-capitalista-diz-respeito-a-psicanalise-Joaquin-CARETTI-RIOS-s.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025.

CRAME, N. Ela faz questão do L. *In: MILLER, J.-A. (org.). A solução trans.* Barcelona: Paidós, 2024. p. 93-124.

CUNHA, C. F. *et al.* Adolescência: entre a delicadeza e a urgência. *In: CUNHA, C. F. et al. (org.). Janela da escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p. 307-320.

CUNHA, C. F. *et al.* Adolescência: uma inquietante e íntima estranheza. *In: CUNHA, C. F. et al. (org.). Janela da escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p. 55-70.

CUNHA, C. F. Infancias y adolescencias trans. *In: ENCONTRO AMERICANO DE PSICANÁLISE (ENAPOL)*, 11., 2023, Buenos Aires. **[Anais]...** Buenos Aires: ederação Americana de Psicanálise de Orientação Lacaniana, 2023. Disponível em: <https://fapol.org/blog/portfolio-items/presentacion-de-cristiane-grillo-responsible-por->

ebp-en-la-mesa-plenaria-infancias-normalizadas-en-el-xi-enapol/?portfolioCats=44. Acesso em: 11 nov. 2025..

DIAS, B. De que maneira o discurso do analista possibilita fazer furo no discurso capitalista? **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 59-73, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2017000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2025.

DRUMMOND, C. O que chamamos de sexuação. **Escola Brasileira de Psicanálise**: seção leste-oeste, 1 set. 2022. Boletim Arranjos. Disponível em: <https://ebp.org.br/slo/o-misterio-da-sexuacao/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

ÉRIC Laurent: sobre a queda do falocentrismo. [S. l.: s. n.]. Publicado pelo canal EBP - XXII Encontro Brasileiro EBCF 2018. In: **XXII Encontro Brasileiro EBCF**, 2018. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVPusLyOVsM>. Acesso em: 11 no. 2025.

FAJNWAKS, F. A crise do discurso capitalista está aberta. In: JORNADA DA EBP BAHIA, 25., 2021, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Instituto de Psicanálise da Bahia, 2021.

FAJNWAKS, F. A transexualidade além das normas e da psicopatologia. In: FAJNWAKS, F. **Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos**. Belo Horizonte: Scriptum, 2023. p. 84-98.

FAJNWAKS, F. Nomeações queer. **Arquivos da Biblioteca**, Rio de Janeiro, n, 17, p. 53-62, 2022.

FAJNWAKS, F. O discurso capitalista e o impossível. In: FAJNWAKS, F. **Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos**. Belo Horizonte: Scriptum, 2023. p. 261-276.

FAJNWAKS, F. Subversão lacanianiana da biopolítica. In: FAJNWAKS, F. **Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos**. Belo Horizonte: Scriptum, 2023. p. 277-297.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7, p. 118-230.

GENEROSO, C. M. A queda do falocentrismo: consequências para a clínica das toxicomanias. In: **Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 de julho de 2018. Caderno Almanaque Disponível em: <https://institutopsicanalise-mg.com.br/a-queda-do-falocentrismo-consequencias-para-a-clinica-das-toxicomanias-claudia-maria-generoso/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

GONÇALVES, L. H. P. **O discurso do capitalista**: uma montagem em curta-circuito. São Paulo: Via Lettera, 2000.

LACAN, J. **Estou falando com as paredes**: conversas na Capela de Sainte-Anne (1971-72). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

LACAN, J. Notas sobre a criança (1969). *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 369-370.

LACAN, J. **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud (1953-54). Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LACAN, J. **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

LACAN, J. **O seminário, livro 23**: o sinthoma (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LACAN, J. Prefácio a O despertar da primavera (1974). *In*: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 557-559.

LACAN, J. Tradução da conferência em Milão de 12 de maio de 1972. Tradução de Olga Mabel Máter. **El Sigma**, 13 mar. 2006. 1972. Disponível em: <http://www.elsigma.com/historia-viva/traduccion-de-la-conferencia-delacan-en-milan-del-12-de-mayo-de-1972/9506>. Acesso em: 11 no. 2025.

LAURENT, É. Una lectura de “Nota sobre el niño”. *In*: LAURENT, É. **El niño y su familia**. Buenos Aires: Colección Diva, 2018. p. 21-32.

LEJBOWICZ, J. **El rechazo de lo femenino**: del horror al coraje. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2022.

MARIE Hélène Brousse - A queda do falocentrismo. [S. l.: s. n.]. Publicado pelo canal EBP - XXII Encontro Brasileiro EBCF 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HvMzXczePiU>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MATIASSI, A. C. T.; RIBEIRO, G. C. Adolescência e transexualidade: uma dupla transição. *In*: CUNHA, C. F. *et al.* (org.). **Janela da escuta**: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p. 333-342.

MISSÉ, M.; PARRA, N. **Adolescencias trans**: acompañar la exploración del género en tiempos de incertidumbre. Informe. Espanha: Ayuntamiento de Barcelona, 2022.

Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=865824>. Acesso em: 11 nov. 2025.

NOBRE, M. **Derivas do saber na cultura digital**: o sujeito do inconsciente entre algoritmos e matemas. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Psicanalíticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2020.

SALINAS, P. O indizível, o ilimitado e o queer. **Revista Eletrônica da FAPOL**, n. 11, p. 39-41, 2021.

SANADA, E. R. A “verdade” da ciência a partir de uma leitura psicanalítica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1/2, p. 183-194.

SORIA, N. **La sexuación en cuestión**. Buenos Aires: Del Bucle, 2021.

SOUZA *et al.* Os discursos lacanianos como laços sociais. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, ed. especial, p. 93-104, 2018.